

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

TAÍS GRESPAN SOUZA

**SOFRIMENTO PSÍQUICO EM TRABALHADORES DO LIXO:
UM OLHAR DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO**

São Bernardo do Campo
2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

TAÍS GRESPAN SOUZA

**SOFRIMENTO PSÍQUICO EM TRABALHADORES DO LIXO:
UM OLHAR DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia da Saúde.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Laura Belluzzo de Campos Silva

São Bernardo do Campo
2005

FICHA CATALOGRÁFICA

Souza, Taís Grespan.

Sofrimento psíquico em trabalhadores do lixo: um olhar da psicodinâmica do trabalho. / Taís Grespan Souza. -- São Bernardo do Campo, 2005.

74p. + anexos

Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de São Paulo. Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia, Curso de Pós Graduação em Psicologia da Saúde.

Orientação : Laura Belluzzo de Campos Silva.

1. Trabalho - Fatores psicossociais 2. Lixo 3. Saúde mental
4. Sofrimento I. Título.

CDD 157.9

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
UMESP

TAÍS GRESPAN SOUZA

**Sofrimento psíquico em trabalhadores do lixo:
um olhar da Psicodinâmica do Trabalho**

Banca Examinadora

Presidente: Prof^ª. Dr^ª. Laura Belluzzo de Campos Silva

Titular: Prof^ª. Dr^ª. Eda Marconi Custódio

Titular: Prof^º. Dr^º. Seiji Uchida

São Bernardo do Campo
2005

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a querida Prof^a. Dr^a. Laura Belluzzo de Campos Silva que aceitou o desafio de realizar este trabalho, de sonhar e construir junto para que de fato o projeto fosse viabilizado. Pela convivência, tomo a liberdade de chamá-la de amiga, além de me orientar para a pesquisa, por muitas vezes acolheu minhas angústias de jovem mulher. Obrigada pela dedicação, carinho e atenção.

Ao Prof^o. Dr^o. Seiji Uchida que tive a honra de conhecer no decorrer do projeto e que me apresentou o lado mais profundo da Psicodinâmica do Trabalho, contribuindo para que esta pesquisa assumisse efetivamente uma proposta de Clínica do Trabalho.

A Prof^a. Dr^a. Eda Marconi Custódio pela disponibilidade em participar da avaliação deste trabalho.

A minha querida Prof^a. Dr^a. Marília Martins Vizzotto que me acompanhou desde o processo de graduação e sempre me estimulou a querer mais. Você por muitas vezes foi meu espelho. Obrigada pela atenção e pelo carinho que você sempre me deu.

Ao Prof^o. Edu Bastos que nas aulas de Psicologia Social das Organizações me apresentou Christophe Dejours, por cujo trabalho passei a me interessar desde então.

À grande amiga Carina Palma de Moura com quem compartilhei vários momentos, na vida pessoal, na formação acadêmica e no exercício profissional. Pessoa com que sempre pude contar, inclusive para fechar mais este ciclo. Sinto-me muito grata pela sua presença na construção desta dissertação, contar com você durante a coleta de dados foi fundamental. Obrigada por tudo.

Ao colega Paulo César de Melo que me ajudou a traduzir os textos em francês e revisar este trabalho. Obrigado por compartilhar seus conhecimentos de tradutor, revisor e psicólogo.

À querida Matilde Ribeiro, grandiosa mulher, que me apresentou um mundo que eu desconhecia, que me fez despertar para a poesia e o feminismo.

À amiga Ivete Garcia, mulher guerreira, ao lado de quem tive a oportunidade de trabalhar e que me ensinou que não existe limite quando se tem uma meta a ser atingida.

Aos meus amigos e amigas que ao longo do processo puderam compreender a minha distância, minha ausência e que torceram por mim.

A minha família da qual pude ter todo o apoio, que acompanhou de perto as minhas escolhas, compreendeu meus limites e sempre me incentivou a continuar.

Meu agradecimento especial vai para todas as pessoas, trabalhadoras da cooperativa de reciclagem, que diante de tantas privações, puderam compartilhar parte de suas vidas para a realização deste estudo. Com vocês pude reafirmar que é preciso voar...

“Era uma vez um camponês que foi à floresta vizinha apanhar um pássaro, a fim de mantê-lo cativo em casa. Conseguiu pegar um filhote de águia. Colocou-o no galinheiro junto as galinhas. Comia milho e ração própria para galinhas.

Depois de cinco anos, esse homem recebeu em sua casa a visita de um naturalista. Enquanto passeavam pelo jardim, disse o naturalista:

- Esse pássaro aí não é uma galinha. É uma águia.

- De fato, disse o camponês. É uma águia. Mas eu a criei como galinha. Ela não é mais águia. É uma galinha como as outras, apesar das asas de quase três metros de extensão.

- Não - retrucou o naturalista. Ela é e será sempre uma águia. Pois tem um coração de águia. Este coração a fará um dia voar às alturas.

- Não, não - insistiu o camponês. Ela virou galinha e jamais voará como águia.

Então decidiram fazer uma prova. O naturalista tomou a águia, ergueu-a bem alto e, desafiando-a, disse:

- Já que você de fato é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, então abra suas asas e voe!

A águia pousou sobre o braço estendido do naturalista. Olhava distraidamente ao redor. Viu as galinhas lá embaixo, ciscando grãos. E pulou para junto delas.

O camponês comentou:

- Eu lhe disse, ela virou uma simples galinha!

- Não - tornou a insistir o naturalista. - Ela é uma águia. E uma águia sempre será uma águia. Vamos experimentar novamente amanhã.

No dia seguinte, o naturalista subiu com a águia no teto da casa. Sussurrou-lhe:

- Águia, já que você é uma águia, abra suas asas e voe!

Mas, quando a águia viu lá embaixo as galinhas, ciscando o chão, pulou e foi parar junto delas.

O camponês sorriu e voltou à carga:

- Eu lhe havia dito, ela virou galinha!

- Não, respondeu firmemente o naturalista. Ela é águia e possuirá sempre um coração de águia. Vamos experimentar ainda uma última vez. Amanhã a farei voar.

No dia seguinte, o naturalista e o camponês levantaram bem cedo. Pegaram a águia, levaram-na para fora da cidade, longe das casas dos homens, no alto de uma montanha. O sol nascente dourava os picos das montanhas.

O naturalista ergueu a águia para o alto e ordenou-lhe:

- Águia, já que você é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, abra suas asas e voe!

A águia olhou ao redor. Tremia, como se experimentasse nova vida. Mas não voou. Então, o naturalista segurou-a firmemente, bem na direção do sol, para que seus olhos pudessem encher-se de claridade solar e da vastidão do horizonte.

Nesse momento, ela abriu suas potentes asas, grasnou com o típico kau kau das águias e ergueu-se, soberana, sobre si mesma. E começou a voar, a voar para o alto, a voar cada vez para mais alto. Voou... voou... até confundir-se com o azul do firmamento...” (BOFF, 1997, p.30-34).

Esta história foi narrada por James Aggrey, educador popular, em meados de 1925, em Gana - um país da África Ocidental (Boff, 1997).

Foi com esta fábula da águia e da galinha que os trabalhadores encerraram o processo de convívio que culmina nesta dissertação e é com ela que os convido a leitura.

SOUZA, T. G. Sofrimento psíquico em trabalhadores do lixo: um olhar da Psicodinâmica do Trabalho.

RESUMO

O número de catadores, carrinheiros e trabalhadores informais que utilizam o trabalho com o lixo como forma de sobrevivência cresce em todo o país. Sabe-se que esse tipo de trabalho oferece vários riscos à saúde física; no entanto, há poucos estudos sobre os efeitos que pode ocasionar na saúde mental. Diante disso, o presente estudo, de caráter exploratório, teve como objetivo compreender o sofrimento psíquico decorrente do trabalho de manuseio e triagem de resíduos sólidos recicláveis em trabalhadores de uma cooperativa de reciclagem da região metropolitana de São Paulo. O referencial teórico utilizado foi a Psicodinâmica do Trabalho, disciplina clínica e teórica que se sustenta na descrição e no conhecimento das relações entre trabalho e saúde mental. Utilizou-se também o método específico da Psicodinâmica do Trabalho, regido pelos princípios da pesquisa-ação, que liga a intervenção à pesquisa. A coleta de dados se deu através da criação de um grupo de expressão, em que foram abordadas questões ligadas às vivências e experiências dos trabalhadores que manuseiam resíduos sólidos recicláveis. A análise dos dados mostra que a organização do trabalho neste caso torna-se pano de fundo para a problemática do sofrimento psíquico, uma vez que, na cooperativa, os trabalhadores têm certo controle sobre a realização da tarefa, podendo interferir no processo de trabalho. Constatou-se ainda que o sofrimento psíquico decorrente do trabalho assume diversas formas: a negação do risco à saúde física decorrente da precariedade e insalubridade do trabalho, que se concretiza pela não-utilização dos equipamentos de segurança (EPI) e por maus hábitos de higiene; a negação da dificuldade em manusear o lixo, pela busca de vantagens na atividade realizada que ajudem a suportar o contato com o que é sujo e desvalorizado e pela luta para manter-se no trabalho, que proporciona a cooperação entre os sujeitos – sendo a solidariedade e a cooperação as características mais marcantes nas relações entre esses trabalhadores. Entende-se que o trabalho realizado tem grande importância social, mas é preciso atentar para o fato de que o problema da destinação do lixo não pode superar a problemática dos efeitos sobre a saúde dos trabalhadores. Esse quadro só poderá ser alterado com melhores condições de trabalho e, principalmente, com o reconhecimento da atividade como algo fundamental para a sociedade e que, como tal, deve ser valorizado.

Palavras chave:

lixo, trabalho, saúde mental, sofrimento psíquico, psicodinâmica do trabalho.

SOUZA, T.G. Psychic pain among waste workers: a view from Work Psychodynamics.

ABSTRACT

The number of waste gatherers, cart-pullers, and informal workers who deal with waste as a way of surviving increases in Brazil as a whole. It is known that this kind of work offers different risks to physical health; even though, there are few studies about the effects such a work can produce in mental health. Thus, the present exploratory study has the purpose of providing knowledge about psychic pain among workers of a recycling cooperative in the metropolitan area of São Paulo as a result from the activity of handling and selecting solid recyclable wastes. The theoretical references being used here are those from Work Psychodynamics, a clinical and theoretical discipline that leans on description and knowledge of the relationship between work and mental health. The specific Work Psychodynamics' method has also been used; this method is ruled by the principles of action-research which links intervention to research. Data collection has been made through gathering an expression group, where questions about experiences of workers who handle solid recyclable wastes have been broached. Data analysis shows that the organization of work, in this case, becomes a framework for the problem of psychic pain, since the workers in the cooperative have a certain control over the execution of the tasks and therefore can interfere in the job processes. It is also found that psychic pain resulting from work takes different features: a denial of physical health risks resulting of the precariousness and unsoundness of work, that becomes concrete in disregarding safety outfit and in bad hygienic habits; a denial of the difficulty in waste handling, done by means of the pursuit of advantages in the job that help bearing the contact with dirty, depreciated things, and also by means of the fight to keep up in the job, which provides cooperation between the individuals – solidarity and cooperation being the most remarkable feature in the relationship between these workers. It is understood that the work at issue has great social importance, but we must be awake to the fact that the problem of destination of waste would not overcome the effects on workers health. This frame can be modified only with better conditions of work and, above all, with admission of this activity as something that is crucial to society and in this manner must be valued.

Keywords:

waste, work, mental health, psychic pain, work psychodynamics.

| | |
|----------------|-----|
| RESUMO | vi |
| ABSTRACT | vii |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| I. Introdução | 1 |
| O Lixo | 4 |
| O Gerenciamento do Lixo | 5 |
| Reciclagem: uma alternativa para o lixo | 9 |
| Os Riscos à Saúde dos Trabalhadores na Atividade de Reciclagem | 12 |
| Trabalho e Saúde Mental | 19 |
| O Trabalho com Material Reciclável: uma nova categoria de trabalho | 31 |
| Cooperativismo: uma concepção diferente de organização do trabalho | 33 |
| Caracterização da Cooperativa de Reciclagem Estudada | 38 |
| As Condições de Trabalho na Cooperativa de Reciclagem | 42 |
| Objetivo | 49 |
| II. Método | 50 |
| Sujeitos | 53 |
| Local | 53 |
| Instrumento | 53 |
| Procedimento | 54 |
| III. Análise dos Dados | 58 |
| IV. Resultados | 59 |
| V. Considerações Finais | 69 |
| VI. Referências Bibliográficas | 71 |
| Anexos | 75 |

“Cada pessoa tem uma história, seu passado, suas experiências, sua família. No fundo, toda a sua experiência consiste em estabelecer uma espécie de compromisso entre o passado e o presente para tentar escolher o futuro” (Dejours, 1986).

I. INTRODUÇÃO

O objetivo desta investigação é compreender aspectos psíquicos e subjetivos mobilizados nos trabalhadores de uma cooperativa de reciclagem pelas relações e pela organização do trabalho na instituição.

No período de 2000 a 2003, ao atuar em uma cooperativa de trabalho na área de psicologia, conheci outras organizações similares, principalmente do ramo de prestação de serviço. Também tive contato, ao participar do Fórum de Economia Solidária do Grande ABC¹, com alguns membros da cooperativa de reciclagem, ocasião em que tomei conhecimento das dificuldades e necessidades relacionadas ao seu trabalho.

Esse período foi marcado por debates envolvendo empreendimentos solidários² da região que buscavam alternativas de fortalecimento frente ao mercado. Entre tais alternativas estava a instalação de um clube de troca, em que os empreendimentos pudessem fortalecer-se mutuamente pelo intercâmbio de serviços, informações e produtos.

Seguindo esta proposta, os membros da cooperativa de reciclagem solicitaram à cooperativa de psicologia uma intervenção junto aos seus trabalhadores, que passavam por inúmeras dificuldades relacionadas a condições de trabalho, resistência à utilização de equipamentos de segurança, consumo de bebidas alcoólicas durante o período de trabalho.

Recebi então o convite para ir conhecer a cooperativa de reciclagem. Com essa visita, realizada em 2001, surgiu o interesse por este estudo.

Apesar das dificuldades apontadas pelos membros da cooperativa, imaginava que ali se realizasse um trabalho diferenciado, pois se tratava de um empreendimento vinculado à Incubadora Tecnológica de Cooperativas, programa municipal de geração de trabalho e renda. Durante a visita, no entanto, foram constatadas péssimas condições de trabalho. O mau cheiro e a imagem de degradação foram marcantes. Viam-se pessoas

¹ Espaço que reúne cooperativas, associações e empreendedores.

² Conceito que caracteriza empresas criadas “*não só para permitir ganhos aos sócios, mas como criação dos trabalhadores em luta contra o capitalismo. É uma opção ao mesmo tempo econômica e político-ideológica*” (SINGER, 2000, p. 21).

convivendo com o lixo misturado ao material reciclável³. Restos de alimentos se misturavam ao material em triagem, ficando evidente que o ambiente era inadequado e insalubre. As pessoas se encontravam expostas às mesmas condições de um lixão⁴, sujeitas a situações de risco para a saúde.

Em todo o país tem crescido o número de catadores, carrinheiros, trabalhadores informais que utilizam o lixo como forma de sobrevivência. Essas pessoas encontram assim uma fonte de renda mas, ao mesmo tempo, colocam em risco suas vidas, expondo-se a uma mistura complexa de objetos e materiais de várias naturezas.

A maioria dos estudos que tratam do problema do lixo o faz sob o ponto de vista da saúde pública, da estética e da higiene. Ou seja, são voltados para a comunidade e apontam a necessidade de evitar o contato com o lixo e a conseqüente geração de doenças por contaminação. Já os estudos sobre a relação entre lixo e trabalho confrontam condições de trabalho e saúde do corpo, tendo como questão principal as doenças ocupacionais e os riscos de acidentes.

Entendemos que o trabalho influi sobre a saúde de quem o executa. Os trabalhadores são atingidos tanto na sua integridade física quanto psíquica.

Os estudos sobre o tema trabalho e saúde mental ainda são poucos em todo o mundo, e no Brasil a quantidade é mínima. São poucas as pesquisas voltadas ao papel do trabalho na vida das pessoas, às relações subjetivas do trabalhador com sua atividade, ao conteúdo simbólico do trabalho, ao sofrimento e ao desgaste gerados pelo trabalho e aos efeitos sobre a saúde mental dos trabalhadores.

A literatura traz algumas disciplinas, como economia, sociologia, ergonomia, engenharia e psicologia, que apresentam concepções diferentes a respeito do trabalho.

Para este estudo, optamos pelas contribuições da Psicodinâmica do Trabalho, que privilegia a análise das relações entre trabalho e subjetividade. Em sua vertente clínica, a

³ Segundo IBAM (2001), são considerados materiais recicláveis: papel, papelão, plástico, vidro e metal.

⁴ “O lixão é um espaço aberto, localizado geralmente na periferia das cidades, onde o lixo fica apodrecendo, ou então é queimado, causando grande poluição do ar, do solo e das águas” (SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2002, p. 21).

disciplina sustenta-se na descrição e no conhecimento das relações entre trabalho e saúde mental. Quanto a sua face teórica, ela engloba a psicanálise e a teoria social. (DEJOURS, 2004a). Utiliza-se de um método específico pautado nos princípios da pesquisa-ação, que liga a intervenção à pesquisa. Em virtude das suas especificidades, este método é intitulado Clínica do Trabalho.

“A clínica do trabalho busca desenvolver o campo da saúde mental e trabalho, partindo do trabalho de campo e se deslocando e retornando constantemente a ele. Visa intervir em situações concretas de trabalho, compreender os processos psíquicos envolvidos e formular avanços teóricos e metodológicos reproduzíveis a outros contextos” (HELOANI e LANCMAN, 2004, p. 82).

Para Christophe Dejours, precursor da disciplina, a Clínica do Trabalho incorpora aspectos subjetivos e menos visíveis do trabalho como elementos indissociáveis da experiência.

Parte-se da compreensão de que

“O trabalho é aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: os gestos, o saber fazer, o engajamento do corpo, mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar, etc.” (DEJOURS, 2004b, p. 28).

O ato de trabalhar exige o engajamento da personalidade. Desta forma, o trabalho é tido como um elemento central na construção da saúde e da identidade dos indivíduos. O trabalho tem uma função psíquica, pois é

“um dos grandes alicerces de constituição do sujeito e de sua rede de significados. Processos como reconhecimento, gratificação, mobilização da inteligência, mais do que relacionados à realização do trabalho, estão ligados à constituição da identidade e da subjetividade” (LANCMAN, 2004, p. 29).

Tendo em mente o objeto de estudo da Psicodinâmica do Trabalho, definimos nosso objetivo privilegiando a dimensão subjetiva do trabalho na cooperativa de reciclagem. Assim, o foco deste estudo passa a ser os sujeitos que estão estreitamente

associados à reciclagem do lixo, a importância do trabalho e suas influências em todos os âmbitos do viver, considerando “*os aspectos subjetivos do trabalho e sua centralidade enquanto elemento constituidor do indivíduo e da identidade*” (LANCMAN e UCHIDA, 2003, p. 88).

O objetivo principal desta investigação é compreender o sofrimento psíquico decorrente do trabalho de manuseio e triagem de resíduos sólidos recicláveis de trabalhadores de uma cooperativa de reciclagem da região metropolitana de São Paulo.

O LIXO

São vários os conceitos sobre o lixo. Segundo a Secretaria do Estado do Meio Ambiente de São Paulo (2002), o lixo pode ser:

- a) *“todo e qualquer material sólido que sobra das atividades humanas ou proveniente da natureza, como folhas, terra, areia e galhos de árvores.*
- b) *tudo aquilo que perdeu a utilidade, do nosso ponto de vista, ou que não queremos mais usar.*
- c) *qualquer coisa velha.*
- d) *um material inútil, indesejado ou descartado, cuja composição ou quantidade de líquido não permite que escoe livremente.* (p.11)

Todas as definições apresentadas dependem do valor que cada pessoas dá às coisas.

“De qualquer modo, lixo, resíduos sólido ou rejeito, tem a ver com aquilo que sobra, com aquilo que se joga foram, que é sujo, inútil, velho que não tem mais valor. Lembra morte, doença, aquilo que está prestes a se decompor. Tem a ver com rejeição, exclusão; deve ficar escondido no fundo da casa, nos cantos escuros, em locais subterrâneos e periférico” (p.11)

O GERENCIAMENTO DO LIXO

Para compreender como a instituição em estudo surgiu, faz-se necessário entender a atividade de reciclagem como uma ação da política de gestão de resíduos sólidos.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) define resíduos sólidos, através da norma NBR 10004/2004⁵, como:

“Resíduos nos estados sólido e semi-sólido, que resultam de atividades de origem industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e de varrição. Ficam incluídos nesta definição os lodos provenientes de sistemas de tratamento de água, aqueles gerados em equipamentos e instalações de controle de poluição, bem como determinados líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou corpos de água, ou exijam para isso soluções técnica e economicamente inviáveis em face à melhor tecnologia disponível” (p. 01).

No Brasil e no mundo, diariamente, são produzidas toneladas de lixo. A discussão sobre as questões ambientais que envolvem o gerenciamento do lixo no mundo é marcada pela Conferência Mundial do Meio Ambiente que teve lugar em Estocolmo, Suécia em 1972. A Segunda Conferência Mundial do Meio Ambiente, ocorrida em 1992 no Rio de Janeiro, Brasil (ECO 92), estabeleceu uma relação de compromissos que as nações deveriam cumprir ao longo dos anos seguintes. O documento que contém essa relação, intitulado Agenda 21, vem nortear as estratégias de desenvolvimento com preservação ambiental.

A Agenda 21 é uma carta de compromissos que teve a contribuição de governos e instituições de 179 países sobre temas que aliam o desenvolvimento à preservação do meio ambiente e à equidade social. Seu princípio básico é o de que todos somos responsáveis por promover o desenvolvimento sustentável das sociedades.

⁵ “Esta norma classifica os resíduos sólidos quanto aos seus riscos potenciais ao meio ambiente e à saúde pública, para que possam ser gerenciados adequadamente” (ABNT – NBR 10004/2004, p. 01).

Os capítulos 19, 20, 21 e 22 da Agenda abordam as questões relacionadas aos resíduos, sob o ponto de vista do manejo ecologicamente saudável e do desenvolvimento sustentável⁶. Tratar os resíduos sólidos de maneira sustentável significa levar em conta objetivos cuidadosamente determinados e aplicá-los nas quatro principais áreas de programas relacionadas com eles: redução ao mínimo da produção de resíduos; aumento máximo da reutilização e da reciclagem ambientalmente saudáveis; promoção do tratamento e da localização ambientalmente saudáveis dos resíduos; ampliação dos serviços que deles se ocupam.

Com relação aos resíduos sólidos urbanos, o Capítulo 21 descreve seu manejo ambientalmente saudável e traz questões relacionadas com os esgotos.

“O objetivo geral deste programa é prover toda a população de serviços de coleta e depósito de resíduos ambientalmente seguros que protejam a saúde (...). Até o ano de 2005, oferecer a toda a população urbana serviços adequados de tratamento de resíduos; assegurar que existam serviços de tratamento de resíduos para toda a população urbana e serviços de saneamento ambiental para toda a população rural...” (p.282).

“As organizações internacionais, os governos e as administrações locais, em colaboração com organismos não-governamentais, devem proporcionar um treinamento centrado nas opções de baixo custo de coleta e depósito dos resíduos, e particularmente, nas técnicas necessárias para planejá-las e implantá-las (...). Deve-se prestar particular atenção ao melhoramento da condição e dos conhecimentos práticos do pessoal administrativo nos organismos de manejo dos resíduos. Os melhoramentos das técnicas administrativas darão provavelmente os melhores retornos em termos de aumento da eficácia dos serviços de manejo dos resíduos. As Nações Unidas, as organizações internacionais e as instituições financeiras, em colaboração com os governos nacionais e locais, devem desenvolver e tornar operacionais sistemas de informação sobre manejo para a

⁶ Desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades. Isso implica desenvolvimento social e econômico estável, equilibrado, com mecanismos de distribuição justa de riquezas geradas, bem como a capacidade de levar em consideração a fragilidade e a interdependência dos elementos naturais (Agenda 21).

manutenção de registros e de contas municipais e para a avaliação da eficácia e eficiência” (p. 283).

Leis federais e estaduais balizam a competência dos municípios aos quais cabem a organização e a execução dos serviços de limpeza pública, coleta, tratamento e destinação do lixo.

Os serviços públicos de infra-estrutura, em especial os de saneamento – abastecimento de água, esgotamento sanitário e limpeza urbana –, são atribuições municipais definidas pela Constituição Federal de 1988 (artigo 30), sendo os municípios responsáveis pelo gerenciamento dos resíduos sólidos.

O lixo pode ser classificado de acordo com a sua procedência: domiciliar, industrial, resíduos de serviços de saúde, de vias públicas, entulho da construção civil e outras.

Para a Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo, a coleta do lixo e a limpeza de ruas, parques e locais públicos são responsabilidades da Prefeitura e o tratamento consiste em *“operações para transformar os resíduos, visando o seu aproveitamento ou a sua redução, através da compactação, da trituração, da compostagem e da incineração”* (2002, p. 22).

Para Pequeno (2002), o tratamento adequado dos resíduos sólidos urbanos se caracteriza por procedimentos destinados a reduzir a quantidade ou o potencial poluidor de tais resíduos, impedindo descarte de lixo em ambiente ou local inadequado.

A região metropolitana de São Paulo, que é composta por 39 municípios e abriga 17 milhões de habitantes, produz em média 16 mil toneladas de resíduos por dia. Nos 645 municípios do Estado de São Paulo, apenas 55,4% do lixo domiciliar são dispostos em sistemas adequados do ponto de vista ambiental e sanitário.

Segundo Motta e Sayago (1998), no Brasil, a gestão de resíduos sólidos apresenta indicadores de baixo desempenho dos serviços de coleta e, principalmente, da disposição final do lixo urbano. Ao mesmo tempo, as atividades privadas de reaproveitamento

(reutilização e reciclagem) reintroduzem grande parte do lixo urbano no processo produtivo.

Segundo Chermont e Motta (1996) um sistema eficiente de tratamento do lixo incentiva a atividade de reciclagem, estimulando mudanças nos padrões de consumo da população e reduzindo os níveis de disposição final.

Para Motta e Sayago (1998), as práticas de compostagem e reciclagem são importantes como meios de reduzir a necessidade de expansão de aterros e aumentar a oferta de matéria-prima reciclada, que atenua a demanda por recursos naturais. Já a prática da incineração, que não gera matéria reaproveitável, é questionada devido à intensa emissão de poluentes atmosféricos. Apesar disso, tem sido uma alternativa eficiente em termos econômicos e ambientais em certos casos de resíduos químicos.

A coleta seletiva é uma operação que facilita o reuso, o reaproveitamento e a reciclagem dos materiais presentes no lixo. *“A reciclagem se caracteriza por operações de transformação de certos materiais como os plásticos, vidros, papéis e metais, em matéria-prima para a produção de coisas novas”* (Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 2002, p.26).

O Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM, 2001) define

“reciclagem de lixo como a separação de materiais do lixo domiciliar, tais como papéis, plásticos, vidros e metais, com a finalidade de trazê-los de volta à indústria para serem beneficiados. Esses materiais são novamente transformados em produtos comercializáveis no mercado de consumo” (p.77).

Para Motta e Sayago (1998), a coleta seletiva é uma das formas de melhorar a qualidade do lixo urbano tendo como meio o reaproveitamento das embalagens e a separação dos materiais. Embora a coleta seletiva ainda não represente uma proporção significativa do lixo total coletado, a modalidade vem se ampliando nos últimos anos.

A Agenda 21 aponta:

“Algumas das práticas atuais de depósito ameaçam o meio ambiente. Na medida em que se modifica a economia dos serviços de depósito de resíduos, a reciclagem deles e a recuperação de recursos ficam cada vez mais rentáveis” (Capítulo 21, p.276).

O lixo, apesar de ser um problema antigo, tem se apresentado como questão fundamental para o meio ambiente. Assim, a reciclagem assume importância como opção de política governamental visando reduzir o volume dos resíduos sólidos. Ao mesmo tempo, a reciclagem passa a disponibilizar um material que pode ser retransformado e reinserido em novo ciclo produtivo.

A RECICLAGEM: UMA ALTERNATIVA PARA O LIXO

São várias as experiências realizadas na busca de soluções para reduzir o lixo. *“Vem se intensificando substancialmente a busca de alternativas tecnológicas para a disposição final dos resíduos sólidos”* (CHERMONT e MOTTA, 1996, p. 7).

A atividade de reciclagem surge principalmente como política governamental para reduzir o volume dos resíduos sólidos.

Segundo Pequeno (2000), há forte tendência para adoção da reciclagem como alternativa na redução dos resíduos, principalmente nos aterros sanitários.

“Ainda sem representar melhorias acentuadas na situação geral dos resíduos sólidos no Brasil, diversas iniciativas, governamentais e não governamentais, para implantação e manutenção de sistemas de coleta seletiva⁷ de lixo vêm sendo desenvolvidas com sucesso. Muitas dessas

⁷ *“É uma operação que facilita o reaproveitamento e a reciclagem dos materiais presentes no lixo. Consiste em coletar separadamente os materiais recicláveis presentes no lixo após o descarte seletivo realizado pela população”* (SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2002, p. 24).

experiências bem sucedidas consistem em atribuir ao lixo algum valor econômico, representando um estímulo à população, e garantindo a continuidade dos serviços” (p. 37).

Desta forma, a reciclagem introduz uma nova possibilidade para o lixo. Muitos materiais que eram considerados como inúteis, indesejados ou descartados, como plástico, papelão, papel, vidro, alumínio, passam a adquirir valor, uma vez que dispõem de mercado de comercialização, com excelente potencial de lucratividade.

Para Grimberg e Blauth (1998), a criação de um programa de coleta seletiva exige total reformulação nos horários de coleta de lixo, de forma que os roteiros e horários de coleta fiquem claros para a comunidade e sejam rigorosamente cumpridos.

Os autores afirmam também que os materiais coletados precisam de seleção mais minuciosa para posterior comercialização. *“Por mais detalhista que seja um cidadão na separação de seus resíduos domésticos, é sempre necessário beneficiar os materiais após a coleta”* (p. 51). Essa seleção costuma ocorrer em unidades ou centrais de triagem.

Quando o poder público local opta por implantar a coleta seletiva na cidade, é preciso garantir a triagem qualificada que permite separar o material reciclável do rejeito⁸.

No primeiro semestre de 1999, segundo Pequeno (2000), 135 cidades brasileiras estavam desenvolvendo programas de coleta seletiva do lixo.

“Em muitos casos, os mesmos funcionários atuam na coleta de materiais e, posteriormente, na sua triagem. Em São Sebastião, São Paulo, esta equipe foi inicialmente composta por funcionários remanejados de outros setores, em que estavam insatisfeitos ou pouco produtivos. Ainda que o programa tenha tentado aproveitar funcionários ociosos, sua ampliação exigiu a contratação de novos funcionários e a designação de um supervisor” (GRIMBERG e BLAUTH, 1998, p. 51).

⁸ Resíduos orgânicos e materiais que não são recuperáveis ou recicláveis, descartados por engano ou descuido (GRIMBERG e BLAUTH, 1998).

“Assumindo direta ou indiretamente a sua realização, prefeituras de todas as partes do país têm destinado recursos, que mesmo não obtendo lucro imediato, a atividade não dá prejuízo aos cofres públicos e tem a vantagem de gerar renda para as famílias carentes, além de resolver o problema da destinação final” (PEQUENO, 2000, p. 19).

A cooperativa de reciclagem em estudo surge exatamente desta necessidade de triar material coletado. O poder público, ao implantar um projeto piloto de coleta seletiva, reúne pessoas desempregadas, moradoras do entorno do aterro sanitário, para realizar esse trabalho.

Para a implantação da coleta seletiva em toda a cidade foi preciso ampliar o número de trabalhadores na triagem. Diante desta necessidade, a autarquia responsável pelo gerenciamento do lixo na cidade, em parceria com um departamento da Prefeitura que coordena as ações voltadas à geração de trabalho e renda, incentiva a criação de uma cooperativa que seja responsável pela triagem e comercialização do material reciclável, trabalhando nas instalações do aterro sanitário.

Grimberg e Blauth (1998) destacam que no Brasil os municípios que realizam a coleta seletiva optam por terceirizar a triagem através de parcerias, dispensando os gastos de mão-de-obra. Já as instalações para triagem são cedidas e mantidas pelo poder local.

O que se tem efetivamente observado é que as prefeituras não têm terceirizado o trabalho. O que existe é uma tendência de envolver pessoas que estão fora do mercado de trabalho na realização desta tarefa.

Grimberg e Blauth (1998) observam que essas iniciativas propiciam a *“reintegração social de pessoas que estavam relativamente marginalizadas, resgatando nelas o sentido da dignidade”* (p. 52).

“Em Santos, São Paulo, a triagem é feita por internos de um hospital psiquiátrico, em Jales, por adolescentes de rua, em Porto Alegre, Salvador, e no Embu, por ex-catadores organizados em associações e, em Campinas, por detentos de um presídio” (GRIMBERG e BLAUTH, 1998, p. 52).

Segundo Juncá (2004),

“Altos índices de desemprego parecem se combinar com o desenvolvimento da cultura do reaproveitamento e com as promessas de negócios vantajosos a partir da reciclagem, não sendo exagero dizer que o lixo vai se tornando cada vez mais uma opção econômica e de trabalho, ou seja, a partir dos escombros da sociedade, um novo setor econômico é criado, permitindo a sobrevivência de milhares de pessoas” (p. 40).

A princípio pode parecer uma opção bastante interessante envolver pessoas excluídas, marginalizadas e desempregadas neste tipo de atividade, mas faz-se necessário observar com atenção as condições de trabalho em que essas pessoas são inseridas. Na maioria das vezes, os trabalhadores desenvolvem o trabalho de triagem do material em situações precárias.

OS RISCOS À SAÚDE DO TRABALHADOR NA ATIVIDADE DE TRIAGEM DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

Em estudo epidemiológico dos coletores de lixo seletivo, Miglioransa et al. (2003) afirmam:

“Poucos têm a verdadeira idéia de como é realizado o trabalho dos coletores de lixo, bem como dos riscos e doenças a que são submetidos. O contato freqüente com agentes nocivos à saúde torna o recolhimento do lixo um dos trabalhos mais arriscados e insalubres que existem” (p. 20).

Segundo Ferreira e Anjos (2001), os trabalhadores diretamente envolvidos com o processo de manuseio, transporte e destinação final de resíduos formam uma população exposta a enfermidades relacionadas com esse material.

“A exposição se dá notadamente: pelos riscos de acidente de trabalho provocados pela ausência de treinamento, pela falta de condições adequadas de trabalho e pela inadequação da tecnologia utilizada à realidade dos países em desenvolvimento; e pelos riscos de contaminação, pelo contato direto e mais próximo do instante da geração de resíduo, com maiores probabilidades da presença ativa de microorganismos infecciosos” (p. 691).

O processo de trabalho de triagem do material reciclável baseia-se em tecnologia precária.

“As usinas simplificadas geralmente contam apenas com as esteiras de catação, enquanto usinas mais sofisticadas possuem outros equipamentos que separam diretamente os materiais recicláveis ou facilitam a catação manual. Entre estes podem-se citar as peneiras, os separadores balísticos, os separadores magnéticos e os separadores pneumáticos. Há ainda a possibilidade, em unidades de até 5 toneladas por hora, de se substituir a esteira de catação por uma mesa de concreto, com pequena declividade e abas laterais que impedem o vazamento dos resíduos; estes são empurrados manualmente pelos catadores até o final da mesa, com auxílio de pequenas tábuas, ao mesmo tempo que separam os recicláveis” (IBAM, 2001, p. 125).

Segundo o *Manual de gerenciamento integrado de resíduos sólidos* (IBAM, 2001), para permitir bom desempenho dos trabalhadores no processo de catação, as esteiras de triagem devem ter velocidade entre 10 e 12 metros por minuto.

“Os catadores devem ser posicionados ao longo da esteira de catação, ao lado de dutos ou contêineres, separando no início da esteira os materiais mais volumosos como papel, papelão e plástico para que os materiais de menor dimensão (latas de alumínio, vidro, etc.) possam ser visualizados e separados pelos catadores no final da linha. Geralmente a primeira posição é ocupada por um ‘rasga-sacos’, a quem também cabe a tarefa de espalhar os resíduos na esteira de modo a facilitar o trabalho dos outros catadores” (p. 122).

Conforme Grimberg e Blauth (1998), apesar de haver esteiras de catação nas usinas de triagem, a separação dos materiais propriamente dita é feita manualmente. Isso significa que o trabalhador permanece em contato direto com o lixo – seu corpo transforma-se em instrumento de triagem do material.

Estamos utilizando a palavra *lixo* em vez da expressão *material reciclável* porque os trabalhadores efetivamente entram em contato com todo o tipo de material: nas usinas de triagem também são selecionados os materiais que não são recuperáveis ou recicláveis, descartados por engano ou descuido, e resíduos orgânicos, denominados rejeitos.

Segundo a norma NBR 10004/2004 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT),

“A classificação de resíduos envolve a identificação do processo ou atividade que lhes deu origem e de seus constituintes e características e a comparação destes constituintes com listagens de resíduos e substâncias cujo impacto à saúde e ao meio ambiente é conhecido” (NBR 10004/2004, p.2).

A norma (NBR 10004/2004) classifica os resíduos sólidos em classe I (Perigosos) e classe II (Não perigosos). Apresenta em seu anexo H a codificação de alguns resíduos classificados como não perigosos, sendo eles: resíduo de restaurantes (restos de alimentos), sucata de metais ferrosos, sucata de metais não ferrosos (latão etc.), resíduo de papel e papelão, resíduo de plástico polimerizado, resíduo de borracha, resíduo de madeira, resíduo de materiais têxteis, resíduo de minerais não-metálicos, areia de fundição, bagaço de cana. São excluídos os resíduos contaminados por substâncias constantes nos anexos C, D ou E, que apresentam característica de periculosidade.

Consideramos que os trabalhadores da cooperativa em estudo têm contato com resíduos perigosos, com grande potencial de contaminação, pois é possível perceber que o material recebido e triado não contém apenas os itens citados no anexo H da norma.

Segundo Grimberg e Blauth (1998), nas centrais de triagem os rejeitos *“representam de 8 a 30%, em média, do que é coletado nos programas brasileiros, são*

posteriormente levados aos lixões ou aterros” (p. 51). Isso significa que há diversos tipos de materiais misturados no que é triado.

Catapreta & Heller (1999) comentam que são raras as informações concernentes aos efeitos dos resíduos sólidos sobre a saúde humana. A população pode ser atingida de diversas formas pelos efeitos indesejáveis do lixo, uma vez que este constitui ambiente favorável à atração e ao desenvolvimento de diversos animais e microorganismos veiculadores de doenças. Assim, os resíduos oferecem risco de contaminação.

Efetivamente estamos nos referindo a um trabalho que provoca agravos à saúde física dos trabalhadores.

***SEGUNDO SISSINO (2000),
“OS RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS PODEM CONTER
NUMEROSOS ELEMENTOS TÓXICOS CONSIDERADOS
PERIGOSOS PARA A SAÚDE HUMANA CUJOS TEORES
DEPENDEM, PRINCIPALMENTE, DA COMPOSIÇÃO DO LIXO,
UMA VEZ QUE ESTE É CONSTITUÍDO PELA MISTURA
COMPLEXA DE OBJETOS E MATERIAIS DE VÁRIAS
NATUREZAS” (P. 43).***

Também Ferreira e Anjos (2001) consideram que:

“Ao remexerem os resíduos à procura de materiais que possam ser comercializados, os catadores estão expostos a todos os tipos de riscos de contaminação presentes nos resíduos, além dos riscos à sua integridade física por acidentes causados pelo manuseio dos mesmos e pela própria operação” (p. 691).

Segundo Sissino (2000), é importante que se dê atenção ao lixo como via indireta de vetores de doenças, por propiciar condições que facilitam, ou mesmo possibilitam, a ação de múltiplos fatores.

“Os efeitos adversos dos resíduos sólidos municipais no meio ambiente, na saúde coletiva e na saúde do indivíduo são reconhecidos por diversos autores que apontam as deficiências nos sistemas de coleta e disposição

final e a ausência de uma política de proteção à saúde do trabalhador”
(FERREIRA e ANJOS, 2001, p. 690).

Para Sissino (2000), não só a população que reside nas proximidades do local de depósito de resíduos é atingida: “*além da população em geral, pode-se destacar que outras populações de risco são os profissionais de limpeza pública e os catadores de lixo”* (p.48).

Segundo o autor,

“Vários animais encontram no lixo alimento e abrigo, ou seja, condições favoráveis para sua proliferação. Muitos são vetores responsáveis pela transmissão de inúmeras doenças ao homem, dentre os quais os mais importantes são os roedores e os insetos. O controle destes animais está muito associado à higiene do ambiente, destacando-se o acondicionamento, coleta e destino final adequados do lixo” (Sissino, 2000, p. 44).

Além disso, ele lembra que os roedores podem estar envolvidos na transmissão de um grande número de doenças, quer por mordedura, quer por suas fezes e urina ou mediante a ação de seus ectoparasitas. As principais doenças causadas são: peste bubônica, tifo murino, leptospirose ou moléstia de Wel ou icterícia hemorrágica, febre por mordedura de rato, triquinelose, salmonelose. As moscas, mosquitos, pulgas e baratas são os insetos mais presentes no lixo e podem transmitir diversas doenças, como febre tifóide, peste bubônica, leishmaniose, febre amarela, tifo murino, malária, filariose e dengue.

Durante o contato feito com a instituição em estudo, tivemos conhecimento de que no local encontra-se grande número de ratos e pombos, além de aranhas, cobras e insetos. A população de ratos é controlada pelos gatos que vivem nas instalações; já os pombos são um problema grave, uma vez que não se encontram soluções para diminuir sua multiplicação.

Segundo Ferreira e Anjos (2001), os agentes físicos mais freqüentes nos resíduos sólidos são o odor emanado, que pode causar mal-estar, cefaléias e náuseas; ruídos que podem promover perda parcial ou permanente da audição, cefaléias, tensão nervosa, estresse, hipertensão arterial; poeira, responsável por desconforto e perda momentânea da

visão, além de problemas respiratórios e pulmonares; objetos perfurantes e cortantes, apontados como os principais agentes de risco presentes em resíduos sólidos.

Os autores destacam uma variedade de resíduos químicos que pode ser encontrada nos resíduos sólidos: pilhas e baterias; óleos e graxas; pesticidas/herbicidas; solventes; tintas; produtos de limpeza; cosméticos; remédios; aerossóis. Uma parcela significativa destes resíduos é classificada como perigosa e pode ter efeitos deletérios sobre a saúde humana.

Também identificam agentes biológicos presentes nos resíduos que podem ser responsáveis por transmissão direta e indireta de doenças. Materiais como lenços de papel, curativos, fraldas descartáveis, papel higiênico, absorventes, agulhas, seringas descartáveis podem ser responsáveis por doenças do trato intestinal e dermatites: *“A transmissão indireta se dá pelos vetores que encontram nos resíduos condições adequadas de sobrevivência e proliferação”* (FERREIRA e ANJOS, 2001, p. 682).

Descrevemos até aqui as condições de trabalho em que os sujeitos estão inseridos quando se trata de triagem e manuseio dos resíduos sólidos. Esse ambiente e suas condições afetam diretamente o corpo do trabalhador. Além de agravos à saúde, ressaltamos uma série de doenças ocupacionais associadas aos riscos de acidentes; entre estes, os mais comuns são cortes (com vidros) e perfurações com objetos pontiagudos (espinhos, pregos, agulhas de seringas).

Como lembram Ferreira e Anjos (2001),

“especificar doenças ocupacionais relacionadas aos resíduos sólidos municipais é tarefa complexa. Os trabalhadores estão expostos a poeiras, ruídos excessivos, ao frio, ao calor, à fumaça e ao monóxido de carbono, à adoção de posturas forçadas e incômodas e também a microorganismos patogênicos presentes nos resíduos municipais” (p. 693).

Além dos problemas ligados à saúde física, no entanto, é preciso compreender como o trabalho, através de sua organização, influencia o funcionamento psíquico, a saúde mental dos trabalhadores:

“Entende-se que as condições de trabalho devam ser consideradas de ‘forma mais integrada e global, onde as cargas de trabalho são determinadas por fatores relativos ao processo de trabalho – a organização do trabalho e as condições ambientais; e por fatores relativos ao indivíduo – sexo, idade e condições de inserção na produção, nível de aprendizagem, condições de vida, estado de saúde física e emocional, motivação e interesse’ (Mattos, 1992)” (FERREIRA e ANJOS 2001, p. 694).

Além das condições físicas, químicas e biológicas presentes no ambiente de trabalho que interferem na saúde física dos indivíduos, é preciso portanto compreender que há efeitos do trabalho para a saúde mental dos trabalhadores.

“A principal preocupação, do ponto de vista subjetivo, é a resistência, ou seja, a capacidade de agüentar firme o tempo todo, sem relaxar, sem se importar em machucar as mãos, sem se ferir e sem adoecer” (DEJOURS, 2003, p.47).

Para Dejours (1982), a saúde mental do indivíduo está ligada à organização do trabalho – ou seja, está fundada na relação existente entre o trabalho e o funcionamento psíquico, a vida mental. Diante disso, é preciso ir além da idéia de que condições materiais de trabalho são os únicos fatores que envolvem a saúde dos indivíduos.

Segundo Ferreira (1986),

“os trabalhadores brasileiros estão sendo atingidos tanto na sua integridade física quanto psíquica, não havendo quem possa dizer que danos físicos causem mais sofrimento que danos mentais e que, portanto, sejam uns mais relevantes que outros” (p.7).

Sabe-se que na atividade de triagem de resíduos sólidos os trabalhadores são atingidos quanto à sua saúde física. O objetivo desta investigação é analisar de que forma a saúde mental desses trabalhadores está sendo mobilizada. Através dos processos que permeiam as situações de trabalho, compreender se o trabalho é fonte de sofrimento psíquico ou prazer.

TRABALHO E SAÚDE MENTAL

Como foi colocado até o presente momento, esta investigação tem por objetivo identificar os efeitos do trabalho à saúde mental dos trabalhadores da cooperativa de reciclagem.

O que surge como questão não é doença mental descompensada, mas a normalidade como equilíbrio instável entre o sofrimento psíquico e as defesas contra o sofrimento. Trata-se de interpretar a normalidade como produto de um equilíbrio instável entre o sofrimento psíquico e as defesas individuais e coletivas utilizadas contra ele (Dejours, 2004a).

“Se, de um lado, a normalidade pode ser signo de equilíbrio saudável entre as pessoas, pode, de outro, ser o do mascaramento de um sofrimento atroz, ou seja, o estabelecimento de um precário equilíbrio entre forças desestabilizadoras dos sujeitos e o esforço destes e dos grupos no sentido de se manterem produtivos e atuantes à custa de muito sofrimento” (SZNELWAR e UCHIDA, 2004, p.88).

É com esta noção que nos voltamos aos trabalhadores da cooperativa de reciclagem. Apesar da precariedade das condições de trabalho, da ausência do reconhecimento social do trabalho realizado, o sofrimento psíquico não se manifesta na forma psicopatológica.

Isto significa “conceber a normalidade como produto de uma dinâmica humana em que as relações intersubjetivas – na construção das estratégias defensivas, ou mesmo ofensivas, contra o sofrimento – ocupam um lugar central” (DEJOURS, 2004a, p.52).

É com esta idéia que abordamos não apenas o homem, mas a dinâmica das situações de trabalho.

A Psicodinâmica do Trabalho, concepção teórica utilizada nesta investigação, considera o trabalho como mediador privilegiado e insubstituível entre o inconsciente e o

campo social, uma vez que se fundamenta na concepção de homem formulado pela psicanálise com articulações com a sociologia teórica e a teoria social.

Christophe Dejours, o fundador desta corrente teórica, desenvolve suas pesquisas na França e tem contribuído para a consolidação de uma nova linha de pensamento acerca dos problemas da relação saúde-trabalho.

“O trabalho pode ser mediador da emancipação, mas, para os que têm um emprego, também continua a gerar sofrimentos, como mostraram as pesquisas em psicodinâmica do trabalho nos últimos 15 anos” (DEJOURS, 2003, p.43).

A Psicodinâmica do Trabalho considera que existe um conflito entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico.

“O trabalho não é sempre nocivo à condição humana daqueles que trabalham: certos sujeitos beneficiam-se das condições de trabalho, graças às quais sua saúde mental e física fica melhor quando eles trabalham do que quando eles não têm trabalho. O trabalho pode assim se revelar como um potente mediador da construção da saúde” (DEJOURS, 2004c, p.204).

Para o autor, o trabalho pode ser fonte de prazer ou sofrimento psíquico. Assim, a Psicodinâmica o Trabalho centra-se na *“análise psicodinâmica dos processos intersubjetivos mobilizados pelas situações de trabalho” (DEJOURS, 2004a, p.49).*

O Trabalho Real

Para Dejours (2004b), a organização do trabalho se caracteriza para além da divisão do trabalho. Ela se dá pelo conteúdo da tarefa, pelo sistema hierárquico, pelas modalidades de comando, pelas relações de poder, pelas questões de responsabilidade. Tudo isso apresenta problemas, pois as situações de trabalho são caracterizadas pela discrepância entre a tarefa prescrita e a atividade real do trabalho.

“Este hiato, passível de demonstração mesmo nas tarefas mais simples – aquelas consideradas como de estrita execução -, é diferente do intervalo mais conhecido, do âmbito da sociologia, entre organização formal e organização informal” (DEJOURS, 2004a, p.60).

Para o autor, as situações de trabalho são permeadas por acontecimentos inesperados, imprevistos provenientes tanto da matéria, das ferramentas e das máquinas quanto dos outros trabalhadores, colegas, chefes, equipe, hierarquia. Desta maneira, o ato de trabalhar exige o engajamento da personalidade como forma de superar a discrepância entre o prescrito e a realidade concreta da situação.

“Os imprevistos são inúmeros, a organização está completamente sujeita a modificações e improvisações, o que deixa operadores e chefes de unidades em situações caóticas, nas quase é impossível prever o que vai acontecer. Tal ‘descrição’ do trabalho é subjetiva, portanto é constituída a partir da elaboração da vivência subjetiva dos operadores, omitindo qualquer referência à organização formal. Subjetiva não implica, portanto, que o conteúdo dessa descrição seja arbitrário ou fantasioso” (DEJOURS, 2003, p.50).

Reconhecer que existe uma distinção entre trabalho prescrito e a atividade real do trabalho, significa questionar a dimensão monolítica da organização do trabalho. Estamos falando de uma organização do trabalho repleta de contradições.

“A elaboração da organização do trabalho real implica, assim, o afastamento das prescrições para dar início à atividade de ‘interpretação’. O essencial dos problemas submetidos à análise psicodinâmica das situações de trabalho provém do desconhecimento e mesmo da inépcia quanto às dificuldades concretas com as quais os trabalhadores são confrontados pelo fato da imperfeição irredutível da organização do trabalho” (DEJOURS, 2004a, p.63).

Assim,

“o trabalho se define como sendo aquilo que o sujeito deve acrescentar às prescrições para poder atingir os objetivos que lhe são designados; ou ainda aquilo que ele deve acrescentar de si mesmo para enfrentar o que não funciona quando ele se atém escrupulosamente à execução das prescrições”
(Dejours, 2004 b, p.28).

PARA QUE O SUJEITO TOME CONTATO COM A ORGANIZAÇÃO REAL DO TRABALHO IMPLICA EM SE AFASTAR DAS PRESCRIÇÕES. DESTA FORMA, A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO REAL APARECE COMO UM COMPROMISSO, QUE NÃO É CONSTRUÍDO APENAS A PARTIR DE UMA BASE DE ARGUMENTAÇÃO TÉCNICA, MAS SE DÁ NECESSARIAMENTE PELA PASSAGEM POR UM TRABALHO DE INTERPRETAÇÃO. ESTE POR SUA VEZ, EXIGE UM COMPROMISSO ENTRE AS PESSOAS, SUPERANDO O CONFLITO ENTRE AS DIFERENTES INTERPRETAÇÕES. “CONSTRUIR UM COMPROMISSO PASSA DE FACTO POR UM JOGO SOCIAL. A ORGANIZAÇÃO REAL DO TRABALHO É UM PRODUTO DAS RELAÇÕES SOCIAIS” (DEJOURS, 2004A, P.64). ASSIM, O TRABALHO É CONSIDERADO UM FENÔMENO COLETIVO.

Segundo o autor, a cada nova automatização, novas dificuldades aparecem, ainda não previstas e não padronizadas, exigindo dos trabalhadores a elaboração de novos saber-fazer. Isso produz novos desafios de atividade, uma vez que Dejours considera que a organização do trabalho leva a refutar a divisão tradicional entre trabalho de concepção e trabalho de execução.

“Todo trabalho é sempre trabalho de concepção. A definição de trabalho decorrente insiste na dimensão humana do trabalho. O trabalho é, por definição, humano, uma vez que é mobilizado justamente ali onde a ordem tecnológica-maquinal é insuficiente” (DEJOURS, 2004a, p.66).

Neste sentido, o trabalho é a criação do novo, do inédito, o que gera sofrimento afetivo, resultado do encontro com o real. Desta forma, o sofrimento torna-se o ponto de partida na medida em que *“a condensação da subjetividade sobre si mesma anuncia um tempo de dilatação, de ampliação, de uma nova expansão sucessiva a ele”* (DEJOURS, 2004b, p.28).

“Trabalhar é preencher uma lacuna entre o prescrito e o real. Ora, o que é preciso fazer para preencher esta lacuna não tem como ser previsto antecipadamente. O caminho a ser percorrido entre o prescrito e o real deve ser, a cada momento, inventado ou descoberto pelo sujeito que trabalha” (Dejours, 2004b, p.28).

Isso significa pensar sobre a possibilidade do indivíduo agir sobre a situação do trabalho.

“Ele não é somente um sujeito que deve se adaptar à organização e às condições do trabalho. Mas, deve recriar a tarefa, que implica a possibilidade da transformação do trabalho, dentro de determinados limites. O resultado deste processo onde são buscadas novas soluções a despeito das prescrições é nomeado de trabalho real” (SZNELWAR e UCHIDA, 2004, p.89).

O real se revela ao sujeito pela resistência aos procedimentos, uma vez que o sujeito se sente fracassado, surgindo o sentimento de impotência.

“O real se apresenta ao sujeito por meio de um efeito surpresa desagradável, ou seja, de um modo afetivo. É sempre afetivamente que o real do mundo se manifesta para o sujeito. Mas ao mesmo momento que o sujeito experimenta afetivamente a resistência do mundo, é a afetividade que se manifesta em si. Assim, é numa relação primordial de sofrimento no trabalho que o corpo faz, simultaneamente, a experiência do mundo e de si mesmo” (DEJOURS, 2004b, p.28).

O sofrimento afetivo, resultado do encontro com o real, se torna um ponto de partida para o sujeito encontrar a via que permita superar a resistência do real. *“O sofrimento é, ao mesmo tempo, impressão subjetiva do mundo e origem do movimento de conquista do mundo”* (DEJOURS, 2004b, p.28).

Desta forma, enquanto afetividade absoluta, o sofrimento é origem desta inteligência que parte em busca do mundo para se colocar à prova. Para ajustar a

organização prescrita do trabalho é exigida do sujeito a disponibilidade da iniciativa, da inventividade, da criatividade e de formas de inteligência específicas, o que o senso comum classifica de engenhosidade.

“É justamente nos operários e na prática que ela se mostra em sua forma mais pura, mais tipificada. Nossas análises mostram que a inteligência operária é igualmente indispensável nas tarefas ditas intelectuais ou científicas e mesmo no trabalho stricto sensu”. (DEJOURS, 2004a, p.66).

Para o autor, o ato de trabalhar passa pela experiência afetiva do sofrimento, atingindo inclusive o trabalho intelectualizado. Desta forma, a resposta ao real envolve o corpo em primeiro lugar.

“Não existe sofrimento sem um corpo para experimentá-lo(...). A subjetividade só se experimenta na singularidade irreduzível de uma encarnação, de um corpo particular e de uma corporeidade absolutamente única” (DEJOURS, 2004b, p.29).

Segundo o autor, a habilidade, a destreza, a virtuosidade e a sensibilidade técnica passam pelo corpo, se memorizam e se desenvolvem a partir dele.

“O corpo inteiro – e não apenas o cérebro – constitui a sede da inteligência e da habilidade no trabalho. O trabalho revela que é no próprio corpo que reside a inteligência do mundo e que é, antes de tudo, pelo seu corpo que o sujeito investe no mundo para fazê-lo seu, para habitá-lo” (DEJOURS, 2004b, p.29).

Desta forma, a inteligência do corpo, recurso natural, se forma no e pelo trabalho, sendo adquirida no exercício da atividade. A formação da inteligência do corpo se dá pela relação do corpo com a tarefa, uma vez que passa por uma série de procedimentos, muitas vezes sutis, de familiarização com a matéria, com os objetos técnicos.

“A ‘corporeização’ supõe que o sujeito seja habitado pelo sofrimento do trabalho, da resistência e das esquivas do mundo ao seu poder e ao seu domínio. Para que se forme essa intimidade com a matéria e com os objetos técnicos, é preciso que o sujeito aceite ser habitado pelo trabalhar até nas suas insônias e nos seus sonhos” (DEJOURS, 2004b, p.30).

É essa familiaridade com o objeto do trabalhar que é conhecida como engenhosidade. Assim, o trabalho é compreendido como processo que mobiliza a personalidade do sujeito por completo.

“O trabalho sempre põe à prova a subjetividade, da qual esta última sai acrescentada, enaltecida, ou ao contrário, diminuída, mortificada. Trabalhar constitui, para a subjetividade, uma aprovação que a transforma. Trabalhar não é somente produzir: é também, transformar a si mesmo e, no melhor dos casos, é uma ocasião oferecida à subjetividade para se testar, até mesmo para se realizar” (DEJOURS, 2004b, p.30).

Desta forma, estamos falando de um trabalho que mobiliza a subjetividade e o desenvolvimento desta passa pela relação entre o sofrimento e o real.

A negação do risco do trabalho

Como mostramos até aqui, o conflito entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico pode ser fonte de sofrimento. Ao longo de suas pesquisas, Dejours (1994) descobriu que o sofrimento suscita estratégias defensivas construídas, organizadas e gerenciadas coletivamente.

“Essas defesas levam à transformação e, em geral, à eufemização da percepção que os trabalhadores têm da realidade que os faz sofrer. Tudo se passa como se, por falta de poder vencer a rigidez de certas pressões organizacionais irreduzíveis, os trabalhadores conseguissem, graças a suas defesas, minimizar a percepção que eles têm dessas pressões, fontes de sofrimento” (DEJOURS, 1994, p.128).

Assim, os trabalhadores, de vítimas passivas, colocam-se na posição de agentes de uma atitude de minimização ou provocadora diante da pressão patogênica gerada pelo trabalho.

As estratégias coletivas de defesa funcionam mediante um consenso ou acordo partilhado, ou seja, através de regras. *“A regra é de fato possuída pelos indivíduos coletivamente, ela cessa de funcionar a partir do momento em que os sujeitos não desejam mais fazê-la funcionar de comum acordo”* (DEJOURS, 1994, p.128).

Pelo fato das estratégias coletivas de defesa atuarem sobre a percepção da realidade e operarem por retorno e eufemização, elas resultam uma percepção irrealista da realidade. Isso explica o silêncio dos trabalhadores no que diz respeito às questões sobre doença e o sofrimento.

Para os trabalhadores *“o corpo só pode ser aceito no silêncio ‘dos órgãos’; somente o corpo que trabalha, o corpo produtivo do homem, o corpo trabalhador da mulher são aceitos; tanto mais aceito quanto menos se tiver necessidade de falar deles”* (DEJOURS, 1992, p.32). Isso se dá pela relação existente entre doença e trabalho, uma vez que para o sujeito a doença corresponde ao impedimento ao trabalho (ideologia de vergonha) e este deve manter a distância o risco de afastamento do corpo ao trabalho.

Dejours (1992) aponta que alguns comportamentos individuais aparecem como saída frente à ansiedade concreta da morte, um exemplo bastante comum é o alcoolismo, que é condenado pelo grupo social. *“A segunda saída é representada pela emergência de violência ‘anti-social’, em geral desesperados e individuais. A terceira saída é a loucura com todas as formas de descompensação, psicóticas e depressivas”* (p.35).

Como foi descrito anteriormente, o que se tem observado é que os trabalhadores apresentam uma normalidade, um aparente não-sofrimento mesmo frente à deterioração insidiosa da saúde.

A negação da percepção do risco decorrente do trabalho se apresenta por uma série de reações contra o medo. Essa negação é duplicada por uma atitude de inversão da proposta relativa à percepção e ao sofrimento, configurando-se em defesa coletiva da

profissão, sendo formulada e verbalizada em resposta à solicitação do grupo sobre a relação entre risco e perigo.

Como um procedimento defensivo, Dejours observou o desenvolvimento de ideologias defensivas.

“Em primeiro lugar, a ideologia defensiva funcional tem por objetivo mascarar e ocultar uma ansiedade particularmente grave. Em segundo lugar, é a nível da ideologia defensiva, enquanto mecanismo de defesa elaborado por um grupo social particular, que devemos procurar uma especificidade. Em terceiro lugar, o que caracteriza uma ideologia defensiva é o fato de ela ser dirigida não contra uma angústia proveniente de conflitos intra-psíquicos de natureza mental, e sim ser destinada a lutar contra o perigo e um risco reais. Em quarto lugar, a ideologia defensiva, para ser operatória, deve obter a participação de todos os interessados. Aquele que não contribui ou que não partilha do conteúdo da ideologia é, cedo, ou tarde, excluído. Em quinto lugar, uma ideologia defensiva, para ser funcional, deve ser dotada de uma certa coerência. O que supõe certos arranjos relativamente rígidos com a realidade. Daí os riscos que decorrem em conseqüências mais ou menos graves no plano prático e concreto (resistência às proteções médico-sanitárias). Em sexto lugar, a ideologia defensiva tem sempre um caráter vital, fundamental, necessário. Tão inevitável quanto a própria realidade, a ideologia defensiva torna-se obrigatória. Ela substitui os mecanismos de defesa individuais” (p.35-36).

Trabalho e reconhecimento

Para Dejours (2003), os sujeitos diante do trabalho, de seus obstáculos, se esforçam para fazer o melhor, o que significa um investimento pessoal. Todo esse esforço e envolvimento dos trabalhadores precisa ser reconhecido. Essa retribuição esperada pelo indivíduo é fundamentalmente simbólica. *“Quando ela não é, quando passa despercebida em meio à indiferença geral ou é negada pelos outros, isso acarreta um sofrimento que é muito perigoso para a saúde mental” (DEJOURS, 2003, p.34).*

A falta de reconhecimento é um tema que faz parte do universo do trabalho. Segundo o autor, são duas dimensões para o termo reconhecimento, uma no sentido da constatação, pelos outros, da realidade da contribuição da pessoa à organização; o outro no sentido da gratidão pela contribuição dos trabalhadores à organização do trabalho. O reconhecimento passa pela reconstrução dos julgamentos que dizem respeito ao trabalho realizado.

Para o autor, são diferentes os tipos de julgamentos enquadrados como reconhecimento: *“o julgamento de utilidade, proferido essencialmente pelo outro na linha vertical, ou seja, pelos superiores hierárquicos e os subordinados, eventualmente pelos clientes; e o julgamento de estética, proferido essencialmente pela linha horizontal, pelos pares, pelos colegas, pelos membros da equipe, ou da comunidade”* (DEJOURS, 2004a, p.73).

O reconhecimento desempenha um papel fundamental no destino do sofrimento no trabalho e na possibilidade de transformar o sofrimento em prazer.

“Ou bem essa dinâmica do reconhecimento funciona, e o trabalho é feito em favor da auto-realização que, como veremos, é reapropriação; ou a dinâmica do reconhecimento não funciona, e o trabalho perde seu sentido subjetivo, não permite subverter o sofrimento que causa, é feito contra a auto-realização, e se torna essencialmente patogênico” (DEJOURS, 2003, p.98).

“Do reconhecimento depende na verdade o sentido do sofrimento. Quando a qualidade de meu trabalho é reconhecida, também meus esforços, minhas angústias, minhas dúvidas, minhas decepções, meus desânimos adquirem sentido. Todo esse sofrimento, portanto, não foi em vão; não somente prestou uma contribuição à organização do trabalho, mas também fez de mim, em compensação, um sujeito diferente daquele que eu era antes do reconhecimento” (DEJOURS, 2003, p.34).

Para o autor, esse reconhecimento do trabalho é reconduzido pelo sujeito ao plano da construção de sua identidade. Desta forma, trata-se de inscrever-se na esfera da personalidade, em termos de ganho nos registros da identidade. *“A retribuição simbólica conferida por reconhecimento pode ganhar sentido em relação às expectativas subjetivas e à realização de si mesmo”* (2004a, p.73).

Sabe-se que a retribuição simbólica acordada pelo reconhecimento se dá pela construção do sentido do trabalho, o que pode transformar o sofrimento em prazer. *“Assim, a dinâmica do reconhecimento das contribuições para com a organização do trabalho emprenha de facto a problemática da saúde mental”* (DEJOURS, 2004a, p.73). Tudo isso porque a dinâmica intersubjetiva do reconhecimento no trabalho, através da conquista da identidade, diz essencialmente respeito à realização pessoal no campo das relações sociais.

“Ora, o reconhecimento implica o julgamento dos pares, que só é possível caso exista um coletivo ou uma comunidade de pares. Assim, o coletivo aparece como um elo de suma importância e o ponto sensível da dinâmica intersubjetiva da identidade no trabalho” (DEJOURS, 2004a, p.75).

Para o autor, na dinâmica do reconhecimento sugere que a cooperação é indissociável da economia da identidade e da saúde mental no trabalho. O problema é que a maioria das pessoas que gozam de saúde esperam através do trabalho a oportunidade de construir sua identidade no campo social.

Quando a dinâmica do reconhecimento está paralisada, “o sofrimento não pode mais ser transformado em prazer, não pode mais encontrar sentido(...). Se falta reconhecimento, os indivíduos engajam-se em estratégias defensivas para evitar doença mental” (DEJOURS, 2004a, p.77).

Trabalho e cooperação

Segundo Dejours (2004a) as pessoas tem vontade de trabalharem juntas e de superarem coletivamente as contradições que surgem da própria natureza ou da organização do trabalho. Isso se dá pelo fato da cooperação estar ligada à liberdade dos indivíduos, não podendo ser assim prescrita.

A cooperação exige relações de confiança entre os indivíduos e se torna efetiva se os trabalhadores demonstrarem o desejo de cooperar.

Como foi colocado anteriormente, o desafio frente à organização do trabalho supõe:

“Esforços de inteligência. Esforços de elaboração para a construção de opiniões sobre a melhor maneira de arbitrar as contradições e de acertar as dificuldades da organização do trabalho. Esforços para se inteirar e participar de debate de opiniões necessárias à deliberação que deve preceder ou acompanhar as escolhas ou as decisões em matéria de organização do trabalho” (DEJOURS, 2004a, p.69).

Para o autor, a cooperação passa por uma mobilização, resultado da constituição específica e insubstituível dos trabalhadores na concepção, nos ajustes e na gestão do trabalho.

Além disso, é preciso atentar para o fato que

“a cooperação é, também, uma modalidade essencial para a socialização e a integração a uma comunidade de pertencimento. Se considerarmos a contribuição que a cooperação pode dar no registro individual e no registro social, poderemos compreender por que é possível constituir-se uma solidariedade fundamental entre a experiência subjetiva que se procura e a implicação coletiva na vontade de dar uma contribuição às condições éticas do viver junto.” (DEJOURS, 2004b, p.33).

***O TRABALHO COM MATERIAL RECICLÁVEL:
UMA NOVA CATEGORIA PROFISSIONAL***

Segundo Grimberg e Blauth (1998, p.87), a separação de resíduos para coleta seletiva, além de disponibilizar materiais recicláveis para sua reinserção nos processos produtivos, diminui o montante de lixo a ser aterrado. Além disso, os programas de coleta seletiva têm obtido êxito na geração de empregos, mais diretamente nos programas envolvendo catadores e ex-catadores e, em certos casos, ex-prostitutas e jovens desempregados, favorecendo a reinserção social de segmentos marginalizados da população e tendo um impacto perceptível na (re)construção do sentido de cidadania.

A triagem e a venda de material reciclável fez crescer o número de catadores, carrinheiros e trabalhadores informais, que encontram no lixo uma fonte de renda. Podemos considerar que se trata de uma nova categoria de trabalho.

“É importante destacar que, se a atividade de catar lixo já foi associada à mendicância, restringindo-se o material coletado ao uso pessoal, hoje a situação é outra. Altos índices de desemprego parecem se combinar com o desenvolvimento da cultura do reaproveitamento e com as promessas de negócios vantajosos a partir da reciclagem, não sendo exagero dizer que o lixo vai se tornando cada vez mais uma opção econômica e de trabalho, ou seja, a partir dos escombros da sociedade, um novo setor econômico é criado, permitindo a sobrevivência de milhares de pessoas” (Juncá, 2004, p.39).

Objetivamente existe a necessidade de dar um tratamento e uma destinação para o lixo produzido pela população, e a coleta seletiva tem sido uma alternativa de reaproveitamento dos resíduos, principalmente através da reciclagem, criando novas possibilidades de trabalho.

Mas apesar disso, é importante atentar para o fato de que esse trabalho ainda vem sendo desenvolvido de forma bastante precária, seja do ponto de vista econômico, seja do ponto de vista da saúde do trabalhador.

Levando-se em conta que *“a perda do poder de quem procura emprego – e a precarização econômica – leva os trabalhadores à escolha simples entre um mau trabalho ou trabalho nenhum”* (LANCMAN, 2004, p.26).

E ainda que

“metade dos trabalhadores no Brasil trabalha no setor informal e que o índice de desemprego seja da ordem de 13%. O fim do trabalho estável traz consigo a perda da esperança, do sonho de ascensão e de progresso social por meio do trabalho. O trabalho, para grande parte da população, limita-se aos ganhos para a sobrevivência imediata”(LANCMAN, 2004, p.28).

“Falar de precarização do trabalho implica ter presente esse horizonte para podermos entender a realidade vivida pelos trabalhadores, ou seja, de conviver em um mundo onde se perdeu uma série de garantias trabalhistas, direitos adquiridos, conquistas que protegiam não só socialmente, mas psicologicamente as pessoas” (LANCMAM e UCHIDA, 2003, p.81).

Podemos concluir que estamos diante de uma situação bastante complexa, pois ao mesmo tempo em que estas pessoas encontram um trabalho, o que vem acontecendo é que estão sendo incentivadas a se organizarem em cooperativas, com a justificativa de que os trabalhadores são donos de sua mão-de-obra, mas o que significa de fato é que se trata de um trabalho informal.

Estudo feito por Morrone e Mendes (2003) aponta que não é pertinente considerar o trabalho informal como alternativa às transformações produtivas ocorridas nas últimas décadas. E sim, como uma possibilidade de ocupação, caminho de sobrevivência, alternativa ao desemprego.

Para a OIT (2005), o trabalho decente é *“um trabalho produtivo, adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança e que seja capaz de garantir uma vida digna”* (p. 105).

“A OIT considera que o trabalho decente é um direito fundamental. Não é apenas um meio para gerar renda, assegurando assim, o sustento e o acesso aos serviços sociais, mas é também necessário para promover a dignidade e a auto-estima das pessoas, sendo elemento fundamental de reconhecimento e de integração social” (OIT, 2005, p.110).

O que se tem, de fato, é um trabalho precário com pouca remuneração e sem reconhecimento social.

Para Santos, Valadares e Velloso (1998),

“De um lado, situações concretas de trabalho em que esses trabalhadores vêem-se obrigados diariamente a ter de lidar com uma realidade tão universalmente abjeta, de outro, os trabalhadores sequer recebem salários condignos(...). Assim, não existem quaisquer condições em que a negociação social do prestígio profissional possa superar ambas as fontes de ‘mal-estar’ psíquico, em relação à vida e à identidade profissional dos lixeiros” (p.144).

Apesar de todos esses aspectos, os trabalhadores não descompensam psicologicamente. *“A questão agora passa a ser a enigmática normalidade produzida pelos indivíduos”.* (LANCMAM e UCHIDA, 2003, p.82). É com esta questão que iniciamos nossa proposta de investigação.

COOPERATIVISMO: UMA CONCEPÇÃO DIFERENTE DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Para compreender as relações estabelecidas na instituição em estudo é importante considerar que se trata de uma cooperativa. Este aspecto interfere diretamente na organização do trabalho, uma vez que na cooperativa os trabalhadores detêm o poder sobre o trabalho, sobre o planejamento, sobre a execução da tarefa.

A empresa cooperativa é uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer as aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa coletiva e democraticamente gerida.

Em uma cooperativa não existe a divisão hierárquica, uma vez que os trabalhadores organizam-se em uma linha horizontal de relação. Isso porque são, ao mesmo tempo, trabalhadores e proprietários da empresa. Sob esta condição são chamados de cooperados.

O movimento cooperativista surgiu na Europa Ocidental no início do século XIX, período da Revolução Industrial. A partir da contribuição de vários pensadores construiu-se a filosofia que embasa o cooperativismo até os dias de hoje.

O Cartismo foi um movimento das décadas de 1830 e 1840 ao qual aderiram trabalhadores e intelectuais radicais em torno de uma plataforma de reformas políticas. Lutavam por medidas como sufrágio universal masculino, voto secreto, fim da exigência de propriedade para os candidatos a membros do Parlamento e eleições parlamentares anuais.

Já o movimento owenista, surgido em meados de 1799, propunha que a sociedade fosse baseada na cooperação. Os owenistas elaboraram alguns fundamentos sobre suas idéias:

“O trabalho é a fonte de toda riqueza e, portanto, é a classe trabalhadora que cria toda a riqueza; embora os trabalhadores sejam os produtores da riqueza, ao invés de serem mais ricos, são os mais pobres, e assim sendo, não podem receber apenas recompensas pelo seu trabalho; viver em comunidade sob os princípios da cooperação mútua, da posse comum e da igualdade de direitos”
(RIQUE, 2001, p.3).

Os owenistas propunham como diretriz para a cooperativa a proteção mútua contra a pobreza. Tal diretriz tinha como fundamento a proposta de que a ordem econômica e social passasse a ser baseada na convivência harmoniosa e não mais na competição.

Sob influência das idéias do Cartismo e Owenismo, surge na Inglaterra uma cooperativa de consumo, conhecida como os Pioneiros de Rochdale. Quando criada, em

1844, tinha 28 trabalhadores. Em um período de quatro anos saltou para 140 membros e, em 1860, já tinha 3.450 sócios. Foram os trabalhadores de Rochdale que tiveram a iniciativa de formular princípios que se tornaram a base do movimento cooperativista.

Segundo Rique (2001), isoladamente os princípios dos Pioneiros de Rochdale não eram novos, mas no seu conjunto foram revolucionários: controle democrático – um sócio, um voto –; adesão aberta de novos membros no mesmo pé de igualdade dos antigos; juros limitados ou fixados sobre o capital subscrito; distribuição de parte do excedente proporcional às compras; vendas à vista, sem crédito; venda só de produtos puros, não adulterados; neutralidade política e religiosa.

Os Pioneiros de Rochdale promulgaram princípios que propõem outra lógica para o trabalho, uma vez que negam a separação entre trabalho e posse dos meios de produção. Os princípios são: adesão voluntária e livre; gestão democrática; participação econômica dos membros; autonomia e independência; educação, formação e informação; cooperação entre cooperativas; interesse pela comunidade.

Como lembra Singer (2002), as cooperativas são influenciadas pelos valores do movimento operário de igualdade e democracia. Além disso, elas são iniciativas, por parte dos trabalhadores, de recuperar o trabalho e a autonomia econômica através de novas forças produtivas.

As idéias e princípios que norteiam o cooperativismo são linhas orientadoras para colocar em prática os valores de uma nova sociedade. Numa cooperativa, os trabalhadores detêm o poder das relações de trabalho, minimizando a situação de pobreza e opressão, uma vez que aglutina “*o princípio da unidade entre posse e uso dos meios de produção e distribuição (da produção simples de mercadorias) como princípio da socialização destes meios (capitalismo)*” (SINGER, 2000, p. 13).

Esta proposta, que se contrapõe ao capitalismo, é conhecida como Economia Solidária e viabiliza-se por meio de empresas que efetivamente praticam os princípios do cooperativismo – ou seja, a autogestão.

Para Singer (2000) “a economia solidária surge como um modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho” (p.13). Segundo o autor, a economia solidária é uma criação, um processo contínuo, de trabalhadores em luta contra o capitalismo. Assim,

“A unidade típica da economia solidária é a cooperativa cujos princípios organizativos são posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta ou por representação; repartição da receita líquida entre os cooperados por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual também por critérios acertados entre todos os cooperados” (SINGER, 2000, p.13).

De acordo com Veiga e Fonseca (2002), o cooperativismo é reconhecido como um sistema democrático, participativo, que atende às necessidades e aos interesses específicos dos trabalhadores, uma vez que este sistema propicia o desenvolvimento integral do indivíduo através do coletivo.

Entende-se que o sistema democrático possibilita a autenticidade das pessoas. Ao mesmo tempo, propicia a participação, o conviver em grupo, possibilitando que os trabalhadores tenham oportunidade de discutir e refletir sobre o processo de trabalho envolvendo a produção e a comercialização, ou seja, a gestão da empresa.

Para Singer (2000), a cooperativa é um modelo de organização democrática e igualitária que contrasta com modelos hierárquicos e autoritários. As cooperativas se baseiam em valores de ajuda mútua e responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade.

Desta forma, a força da cooperativa está no grupo, uma vez que as decisões são tomadas coletivamente e a experiência dos sócios pode ser compartilhada. Na cooperativa, o sujeito tem o domínio e o controle sobre o trabalho, que passam por uma série de decisões sobre a forma de realizar a tarefa e organizar o processo.

Normalmente os trabalhadores só conhecem dois papéis possíveis na economia: patrão ou empregado. Na cooperativa, a relação se dá de outra forma. Cria-se um espaço de debate sobre a execução da tarefa, de negociação e decisão, transgredindo a tradição taylorista da divisão social e técnica do trabalho.

Como observa Dejours (2004a), a organização do trabalho, desde o taylorismo, é caracterizada pela divisão social e técnica do trabalho, o que define para cada trabalhador tarefas, atribuições e prerrogativas limitadas, através do trabalho prescrito. Ainda segundo o autor, para que o processo de trabalho funcione, o trabalhador precisa adaptar-se ao prescrito, uma vez que existe discrepância entre o prescrito e a realidade concreta da situação. Desta forma, trabalhar significa preencher a lacuna existente entre o prescrito e o real, e a cada momento isso deve ser inventado ou descoberto pelo sujeito que trabalha.

Na cooperativa, o sujeito tem a possibilidade de interferir diretamente no trabalho, minimizando a discrepância entre a prescrição e o real. *“Mesmo as más condições de trabalho são, no conjunto, menos temíveis do que uma organização do trabalho rígida e imutável”* (DEJOURS, 1992, p.52).

Com isso nos referimos à possibilidade efetiva do sujeito melhorar a organização do trabalho, uma vez que a escolha das técnicas operatórias, dos instrumentos e dos materiais empregados, dentro de certos limites, permite ao trabalhador adaptar o trabalho às suas aspirações e competências.

A empresa cooperativa possibilita aos trabalhadores o exercício de escolhas organizacionais. Segundo Abrahão e Torres (2004), *“quando o trabalho é escolhido e organizado livremente, a vivência do conflito é minimizada, e torna-se um espaço para a descarga psíquica e o alívio da tensão”* (p.70).

Embora as cooperativas tenham como prática a escolha de uma diretoria ou conselho de administração que dispõe de grande poder de representação, o conjunto das decisões é submetido às assembleias gerais.

Podemos dizer que, na cooperativa, a possibilidade que o sujeito tem de agir sobre a situação do trabalho é fundamental para minimizar o sofrimento, uma vez que ele encontra

espaço para recriar a tarefa – o que possibilita a transformação da sua realidade. Desta forma, existe na cooperativa um processo contínuo de planejar e replanejar as tarefas na medida em que os executores são os próprios gestores.

CARACTERIZAÇÃO DA COOPERATIVA DE RECICLAGEM ESTUDADA

A cooperativa em estudo surgiu com a implantação da coleta seletiva em um município situado no Grande ABC, região metropolitana de São Paulo.

Em 1997, a prefeitura municipal implantou esse sistema, por meio de estações de coleta seletiva⁹ localizadas em diversos pontos da cidade e funcionando de forma descentralizada. Na época, o município, com cerca de 650 mil habitantes, produzia aproximadamente 600 toneladas de resíduos sólidos domiciliares por dia; 180 toneladas eram coletadas seletivamente e as demais 420 toneladas, recolhidas para disposição em aterro sanitário municipal. Apenas 30% da população era servida então pela coleta seletiva de lixo (GRIMBERG e BLAUTH, 1998).

Na execução do projeto piloto, a autarquia municipal responsável pelo saneamento ambiental reuniu um pequeno grupo de pessoas desempregadas, moradoras do entorno do aterro sanitário, para realizar a triagem do material reciclável entregue nos postos de coleta. Esses trabalhadores recebiam remuneração do poder local para realizar a atividade – considerada como uma ação de promoção da cidadania, geração de renda e reciclagem.

Para que fosse implantada a coleta seletiva em toda a cidade, através da retirada do material pelos caminhões de lixo, havia necessidade de ampliar o número de trabalhadores na triagem. A autarquia responsável pelo gerenciamento do lixo, em parceria com o departamento da prefeitura que coordena as ações voltadas à geração de trabalho e renda, incentivou então a criação de uma cooperativa para a realização da triagem e posterior comercialização do material reciclável.

⁹ Locais de recepção de materiais recicláveis pré-selecionados pela população.

Paralelamente a isso, foi feita uma reformulação na coleta de lixo. A população foi orientada a separar resíduos sólidos de úmidos, sendo os resíduos úmidos coletados três vezes por semana e os sólidos (recicláveis), duas vezes por semana.

Os resíduos recolhidos pelos caminhões são levados ao aterro sanitário; os que contêm resíduos sólidos são pesados e seguem para a cooperativa, onde depositam o material. Após a triagem, o material reciclável é comercializado pela cooperativa enquanto os rejeitos são remetidos ao departamento de resíduos sólidos para serem aterrados.

Para a cooperativa foram disponibilizadas as instalações da usina de compostagem do aterro sanitário, que se encontrava desativada. As instalações foram adaptadas pelos próprios cooperados, com materiais de fácil acesso – os canais de transporte de resíduos, por exemplo, são feitos com sacos de nylon adaptados. O processo de triagem é dividido em setores diferenciados: canais e fossos de depósito, segregação de resíduos e disposição final. As fotos mostradas a seguir, feitas por nós em uma das visitas à cooperativa, dão uma visão geral das instalações e ilustram a descrição do processo.

Os caminhões despejam o material coletado nos fossos de depósito, localizados no quarto andar (Foto 1). Os fossos têm 18 metros de profundidade e terminam em canais ligados ao terceiro andar, onde estão instaladas três esteiras.

O lixo que chega pelos canais é transportado nas esteiras até os trabalhadores. Estes realizam a primeira triagem, separando o material de acordo com a natureza: papelão, PET, plástico duro e mole, vidro e rejeito (Foto 2). Os objetos metálicos são recolhidos por um eletroímã que fica no final das esteiras transportadoras. Dali, são encaminhados para três prensas, onde são compactados e enfardados para a disposição final.



Foto 1: Fosso de depósito.



Foto 2: Esteira transportadora.

O material triado é depositado em compartimentos que se comunicam com o segundo pavimento (Foto 3). Dutos encaminham o material para a segunda triagem, momento em que a coleta é mais qualificada – separa-se ali, por exemplo, plástico mole branco, transparente e colorido. A segunda triagem é feita para agregar mais valor ao material reciclável, uma vez que este é comercializado separadamente.

Este material também é enfardado para disposição final. Os rejeitos são levados por caminhões para serem aterrados.

No primeiro andar encontra-se a administração da cooperativa, uma sala para a diretoria, um refeitório e uma sala tipo galpão onde são habitualmente realizadas as assembléias.



Foto 3: *Canais de comunicação entre os pavimentos.*

Durante as visitas às instalações, constatamos que a estrutura toda é precária e o mau cheiro está por toda a parte. No local de triagem, é possível verificar a presença de resíduo orgânico. Além disso, há acúmulo de resíduos de lixo no piso. A iluminação é inadequada e o maquinário produz um ruído alto, o que dificulta a comunicação entre as pessoas.

AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NA COOPERATIVA DE RECICLAGEM

Como foi descrito nos capítulos anteriores, o manuseio de resíduos sólidos proporciona riscos à saúde física dos trabalhadores, uma vez que é alta a taxa de contaminação dos resíduos na coleta seletiva. Também foi apresentado o ambiente inseguro em que trabalham os cooperados – estes convivem com grande variedade de resíduos e se vêem em uma instalação precária, com pouco maquinário, na qual o corpo do trabalhador acaba se tornando a principal ferramenta para a realização da tarefa.

Quando a autarquia responsável pelo gerenciamento do lixo na cidade, em parceria com o departamento da prefeitura que coordena as ações voltadas à geração de trabalho e renda, viabilizou a criação da cooperativa, essas questões não foram consideradas. A preocupação manteve-se na vazão dos resíduos sólidos e na geração de novos postos de trabalho.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT), através da convenção nº 148¹⁰, prescreve instrumentos aplicáveis à proteção das condições do ambiente de trabalho:

“Responsabilidade da autoridade competente de estabelecer critérios periodicamente revisados que permitam definir os riscos de exposição à contaminação do ar, ao ruído e às vibrações nos locais de trabalho, fixando limites de exposição, após consulta com pessoas tecnicamente qualificadas designadas pelas organizações interessadas representativas de empregadores e trabalhadores” (OIT, 2002, p. 42).

¹⁰ A convenção da OIT foi regulamentada entre nós pelo Decreto Legislativo nº 93.413 de 1986, que dispõe sobre a proteção dos trabalhadores contra os riscos profissionais devidos a contaminação do ar, ruído e vibrações no local de trabalho.

Ao longo do processo de assessoria realizada pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas do departamento de políticas de geração de trabalho e renda, a equipe de técnicos observou a precariedade do trabalho e propôs à autarquia que viabilizasse melhores condições, mas a proposta não obteve resultado.

Em janeiro de 2000, o departamento de vigilância sanitária da prefeitura realizou uma vistoria na cooperativa, por solicitação do Sindicato dos Empregadores em Empresas de Asseio e Conservação e Trabalhadores na Limpeza Urbana, que alegava condições precárias de trabalho.

Segundo o relatório da vistoria, foram constatadas algumas irregularidades: acúmulo de lixo no piso; grande número de cacos de vidro e fragmentos metálicos pequenos na área externa; falta de proteção adequada em alguns pontos da esteira transportadora; escadas internas sem corrimão; instalações sanitárias em más condições – no banheiro masculino, a higiene e a conservação dos armários são precárias –; inexistência de sabão líquido e papel toalha ou papel higiênico nos banheiros masculino e feminino; iluminação deficiente, sobretudo nas escadas internas. Em relação à organização física do ambiente de trabalho, o relatório menciona a disposição inadequada dos equipamentos.

Também é mencionado no relatório que *“os cooperados trabalham sem vestimentas especiais, utilizando apenas luvas de PVC sem cano médio, e sem máscaras ou óculos de proteção”* (Relatório de Vistoria, 12 de janeiro de 2000, p. 4). Além disso, apesar do ruído do maquinário, que é considerado alto, os trabalhadores não usam protetor auricular.

O departamento de vigilância sanitária fez diversas recomendações quanto à qualidade das instalações, como melhoria dos sanitários – *“as instalações sanitárias não têm condições higiênicas satisfatórias”* – e da iluminação – *“o iluminamento na escada de acesso (a qual deve ser garantida de corrimão) também deve ser corrigido, prevenindo riscos de acidentes”* (Relatório de Vistoria, 12 de janeiro de 2000, p. 5).

O relatório também traz recomendações quanto à proteção dos cooperados, apontando a necessidade de vestimenta adequada (macacão de manga curta e calçados de segurança), óculos de proteção, luvas de PVC de cano médio, máscaras de proteção

(descartáveis), em conformidade com a norma reguladora nº 6 sobre segurança e medicina do trabalho, Portaria nº 3.214, de 8/6/78.

Após a notificação, a direção da cooperativa procurou a autarquia para comunicar as necessidades de adequação. Como fundamento desta iniciativa, a OIT define:

“Responsabilidade dos empregadores, na vigência de riscos profissionais devidos à contaminação do ar, ruído ou vibrações, de: eliminar tais riscos, na medida do possível, mediante medidas técnicas ou de organização do trabalho, ou, em último caso, pelo fornecimento de equipamentos de proteção individual” (OIT, 2002, p. 42).

Grimberg e Blauth (1998) informam que as prefeituras têm optado por realizar parcerias para a implantação da coleta seletiva, principalmente no que diz respeito à triagem dos resíduos sólidos. *“Nestas parcerias, as instalações para a triagem (galpões, mesas, sanitários, cozinha, etc.) são mantidas pelas municipalidades que, por outro lado, estão dispensadas dos gastos com mão-de-obra”* (p. 52). Afirmam também que as centrais de triagem *“devem contar com instalações sanitárias adequadas e equipamentos de segurança (como extintores de incêndio) e de proteção individual (como máscaras e luvas)”* (p. 52).

Infelizmente, a autarquia não se responsabilizou por melhorar as condições de trabalho, alegando que a cooperativa de reciclagem é uma empresa autônoma e que precisa assumir todas as responsabilidades.

Assim, a cooperativa fica como única responsável pela compra de equipamentos de segurança e pela adequação das instalações.

Segundo a OIT (2002), é responsabilidade do empregador:

“designar pessoa competente ou serviço especializado para tratar das questões relativas à prevenção e limitação dos riscos existentes; assegurar a todos os trabalhadores e pessoas interessadas todas as informações a esse respeito; obrigar a todos os trabalhadores a observação das normas de segurança para prevenção e limitação desses riscos” (p. 43).

Diante desta situação, a cooperativa e a Incubadora Tecnológica de Cooperativas procuraram encontrar soluções para minimizar os riscos ocupacionais.

Um projeto de captação de recursos foi elaborado para que se possibilitasse a compra de equipamentos de segurança (EPI – equipamento de proteção individual).

Ao mesmo tempo, foi acionado o departamento de saúde do trabalhador da prefeitura, que ofereceu aos cooperados esclarecimentos quanto à necessidade do uso de equipamentos de segurança e orientações sobre disposição de equipamentos, suprimentos e procedimentos. Além disso, um profissional da Incubadora Tecnológica de Cooperativas elaborou o mapa de risco, conforme solicitação feita pelo departamento de vigilância sanitária.

O que constatamos nas visitas feitas para a realização desta investigação é que, apesar da notificação e das orientações recebidas, poucas alterações foram realizadas.

Existe mau cheiro por toda parte nas instalações da cooperativa, principalmente perto dos postos de depósito. O ambiente apresenta péssimas condições sanitárias, os banheiros são inadequados e sujos (Foto 4), não existe refeitório – os trabalhadores fazem as refeições em bancadas improvisadas.

Apesar de utilizarem uniformes, que foram doados à instituição, os trabalhadores vêm demonstrando resistência quanto à utilização de equipamentos de segurança. Além disso, não houve mudança nos hábitos de higiene – os trabalhadores não costumam lavar as mãos antes de tomar água e de fazer as refeições e compartilham um mesmo recipiente para tomar água (Foto 5).



Foto 4: *banheiro masculino.*

Todas estas situações favorecem a proliferação de doenças e as contaminações coletivas.

Estudos apontam a resistência dos trabalhadores às normas de segurança:

“Algumas categorias profissionais são expostas a riscos relacionados à integridade física [...]. O risco é exterior e na maioria das vezes, inerente ao trabalho: independente, então, da vontade do trabalhador [...]. Enfim, mesmo se o risco é combatido por medidas e regras de segurança, ele quase sempre conta com uma prevenção incompleta pela organização do trabalho, seja devido à limitação dos investimentos necessários, seja porque o risco ou suas manifestações são mal conhecidos” (DEJOURS, 1992, p. 64).



Foto 5: *bebedouro*.

Segundo Rodrigues (1996), *“a vivência prolongada desse risco, numa situação de necessidade vital de se manter no emprego, vai gerando, em nível coletivo e inconsciente, defesas, principalmente a da negação”* (p. 62).

A recusa e a resistência são condutas que visam suportar um risco que não seria completamente atenuado por medidas de segurança. Essa fachada – pseudoconsciência do perigo – resulta, segundo Dejours (1992), de um sistema defensivo destinado a controlar o medo.

A utilização de equipamentos de segurança diminuiria o risco, mas a negação afasta inteiramente o sentimento de perigo. Desta forma, tudo o que possa lembrar o risco e o medo é evitado.

Para Rodrigues (1996), *“os equipamentos de segurança ocupam importante lugar entre as coisas que devem ser evitadas, porque poderiam trazer à tona a verdadeira grandeza do risco, e conseqüentemente, do medo”* (p. 63).

A este mecanismo coletivo de negação do risco soma-se o fato de a cooperativa enfrentar dificuldades financeiras. A falta de recursos da empresa prejudica até mesmo a retirada mensal¹¹ dos cooperados, que se dá em função das sobras do mês.

Desde 2004, a quantidade de material reciclável vem diminuindo, o que compromete diretamente a retirada. Em assembléia, os trabalhadores decidiram não comprar equipamentos como luvas e máscaras, pois avaliaram que o dinheiro gasto com EPI prejudicaria a retirada mensal.

Assim, estes trabalhadores estão realizando a triagem do material reciclável em condições inadequadas, o que coloca em risco as vidas deles e das pessoas com quem mantêm contato.

“Estima-se que mais de cinco milhões de pessoas morrem por ano, no mundo inteiro, devido a enfermidades relacionadas com resíduos. Os trabalhadores, diretamente envolvidos com os processos de manuseio, transporte e destinação final dos resíduos formam uma outra população exposta. A exposição se dá notadamente: pelos riscos de acidentes de trabalho provocados pela ausência de treinamento, pela falta de condições adequadas de trabalho e pela inadequação da tecnologia utilizada à realidade dos países em desenvolvimento; e pelos riscos de contaminação pelo contato direto e mais próximo do instante da geração dos resíduos, com maiores probabilidades da presença ativa de microorganismos infecciosos” (FERREIRA e ANJOS, 2001, p. 691).

¹¹ Valor recebido por cooperado de acordo com as horas trabalhadas.

OBJETIVO

O objetivo principal desta investigação é compreender o sofrimento psíquico decorrente do trabalho de manuseio e triagem de resíduos sólidos recicláveis de trabalhadores de uma cooperativa de reciclagem da região metropolitana de São Paulo.

II. MÉTODO

A metodologia em Psicodinâmica do Trabalho, conforme Dejours (2004a), inscreve-se no modelo da pesquisa-ação. Utiliza-se um método específico com uma série de etapas que norteiam a pesquisa de campo, ligando a intervenção à pesquisa.

A opção pela metodologia da Psicodinâmica do Trabalho para a realização desta investigação exigiu algumas adaptações na sua proposta original. Um dos pressupostos dessa metodologia é o de que a pesquisa deve partir de uma demanda do grupo que está vivenciando o problema a ser pesquisado, portanto, os sujeitos da pesquisa são os próprios demandantes (Dejours, 1992).

Segundo Merlo e Barbarini, (2002), na realidade brasileira a demanda de pesquisas por iniciativa dos trabalhadores é muito rara. Por tal razão, entende-se que esta questão não deve ser um limitador para a realização de investigações, nem para a utilização da metodologia da Psicodinâmica do Trabalho.

O objeto desta investigação não foi construído a partir de uma solicitação formal dos trabalhadores, ou seja, não se caracteriza por uma demanda de pesquisa propriamente dita. A demanda foi sendo construída em um espaço público de discussão sobre cooperativismo, o Fórum de Economia Solidária, no qual tomei conhecimento da necessidade de um trabalho voltado aos trabalhadores em estudo.

No caso da cooperativa de triagem e comercialização de resíduos sólidos recicláveis, a configuração da demanda foi assumindo diversas formas: a posição da cooperativa no mercado de trabalho e sua relação com o poder local, as condições de trabalho, a resistência dos trabalhadores quanto à utilização de equipamentos de segurança. Assim, podemos considerar que existe uma demanda dos trabalhadores para a realização desta investigação.

A partir de então, foi proposta à direção da cooperativa a realização desta pesquisa, tendo como objetivo compreender o trabalho realizado na cooperativa, de forma que o resultado da pesquisa poderia dar visibilidade sobre a precariedade das condições de

trabalho da cooperativa. A instituição atribui as péssimas condições à ausência de investimento do poder local. Os cooperados acreditam que o órgão do poder público municipal responsável pelo saneamento ambiental da cidade deveria investir nas instalações da cooperativa – maquinário, uniformes, equipamentos de segurança –, uma vez que esta realiza uma atividade ligada ao gerenciamento do resíduo sólido (papel do poder local) e a instituição não dispõe de recurso financeiro para tal.

A direção da instituição, após consulta com os demais membros da cooperativa, aprovou a realização da intervenção.

Como afirmam Heloani e Lancman (2004), dois pressupostos precisam ser considerados para a construção do estudo em Psicodinâmica do Trabalho: o voluntariado dos participantes e a concordância da instituição.

Esta investigação pode ser considerada um estudo em Psicodinâmica do Trabalho na medida em que conseguiu manter os pressupostos fundamentais para a construção do objeto.

Diante dessa situação,

“constitui-se um grupo denominado grupo de pilotagem ou grupo gestor, composto pela equipe de pesquisadores, por trabalhadores e por funcionários ligados à direção da instituição estudada, que se encarregará de organizar a enquête¹², reunindo-se periodicamente, visando o entrosamento dos envolvidos, conhecer melhor o setor, estabelecer estratégias para a intervenção” (HELOANI e LANCMAN, 2004, p. 83).

Tal grupo de pilotagem proposto pela Psicodinâmica do Trabalho não será constituído, uma vez que a realização desta investigação se dá por motivos acadêmicos. É importante destacar que esse papel será desenvolvido pelo próprio pesquisador, atingindo o objetivo deste grupo que é *“criar condições objetivas para a realização da pesquisa, (...)”*

¹² Enquête: trata-se de discussões grupais propriamente ditas. Este conceito será explicado no item Instrumento. O termo está sendo utilizado como o original, em francês.

identificando voluntários interessados em participar das demais etapas, e organizar os grupos” (HELOANI e LANCMAN, 2004, p. 83).

Após a realização de visitas às instalações da cooperativa, foi solicitado à diretoria que houvesse uma apresentação da proposta de pesquisa para todos os cooperados, de forma a identificar os trabalhadores interessados em participar dos grupos de enquete.

Em uma assembléia geral da cooperativa foi reapresentada a proposta de pesquisa, solicitando-se que os trabalhadores interessados se inscrevessem para participar dos grupos. Dos 74 (setenta e quatro) cooperados, 17 (dezesete) se dispuseram a participar. Os nomes dos interessados foram anotados e discutiu-se dia e horário para a realização das reuniões. Devido ao número de trabalhadores interessados, formou-se um grupo.

A Psicodinâmica do Trabalho propõe que o método seja desenvolvido por uma equipe de pesquisadores. O presente trabalho contou com uma auxiliar de pesquisa¹³ para a realização das enquetes, de modo a possibilitar mais condições para *“compreender os aspectos psíquicos e subjetivos que são mobilizados a partir das relações e da organização do trabalho”* (HELOANI e LANCMAN, 2004, p. 82).

Ainda para estes autores,

“Os pesquisadores estarão atentos ao conteúdo das falas, ao que é objeto de consenso, às discussões contraditórias, àquilo que emerge espontaneamente ou não, ao que é dito ou omitido em relação a certos temas e às características da organização do trabalho” (p. 83).

Como aponta Sznelwar (2004), é fundamental o engajamento efetivo dos pesquisadores que conduzem o processo de intervenção. *“Este engajamento é definido sob a égide da ética do testemunho, da aceitação do risco de trabalhar com a escuta do sofrimento de outrem e com a promessa de cumprir o acordado na constituição inicial do grupo”* (p. 40).

¹³ Carina Palma de Moura é psicóloga com vasta experiência em processos grupais e colaborou nesta pesquisa.

Sujeitos

Os sujeitos desta investigação configuram em um grupo formado por 13 (treze) trabalhadores de uma cooperativa de reciclagem, sendo 5 (cinco) homens e 8 (oito) mulheres em idade variando de 34 a 55 anos. Estes cooperados trabalhavam em média 8 (oito) horas diárias.

Local

A pesquisa foi realizada na sede de uma cooperativa de reciclagem situada na região do ABC paulista, região metropolitana de São Paulo. O trabalho se desenvolveu nas dependências da instituição, em uma sala tipo galpão onde são habitualmente realizadas as assembleias. O espaço foi cedido para o desenvolvimento deste trabalho.

Instrumento

O instrumento utilizado para a realização desta investigação é a observação clínica de sessões em grupo, denominada *enquête em Psicodinâmica do Trabalho*. Segundo Heloani e Lancman (2004), “*a enquête constitui-se das discussões grupais propriamente ditas que ocorrerão em intervalos que dependerão das possibilidades do serviço em disponibilizar o conjunto dos trabalhadores durante o período de trabalho*” (p. 82).

A instituição escolhida para esta investigação é uma cooperativa de reciclagem, em que os sujeitos são proprietários e trabalhadores. Realizar a *enquête* em período de trabalho significaria, portanto, que os sujeitos não receberiam remuneração no período de afastamento do posto de trabalho.

Para Heloani e Lancman (2004), algumas adaptações no método preconizado em *Psicodinâmica do Trabalho* são possíveis, uma vez que cada *enquête* e cada situação de trabalho é peculiar. O importante é que as alterações não comprometam a integridade do método. Assim, como forma de não prejudicar os sujeitos e pelo fato de esta investigação

ter fins acadêmicos, optou-se por desenvolver a enquête fora do horário de trabalho, logo após o término do período, com frequência semanal.

Foram realizadas 5 (cinco) sessões em grupo: enquêtes com duração de 2 (duas) horas e intervalo de 6 (seis) dias entre elas. No total foram 10 horas de trabalho em grupo.

Procedimento

A pesquisa seguiu o roteiro proposto por Dejours (1987) em seu livro *A Loucura do Trabalho* e pelo livro *Christophe Dejours: da Metodologia à Psicodinâmica do Trabalho* (Lancman e Sznelwar, 2004).

Num primeiro momento foi realizada uma reunião com os membros da direção da cooperativa (presidente, tesoureiro e secretário); em tal reunião foi apresentado o interesse em desenvolver uma pesquisa com o objetivo de compreender os aspectos subjetivos das relações e da organização do trabalho. A direção da instituição, após consulta aos demais membros da cooperativa, aprovou a realização da pesquisa, as visitas e o contato com demais cooperados.

A partir de então, foram realizadas 5 (cinco) visitas à instituição para reunir informações sobre a situação de trabalho, ter acesso a documentos técnicos, manter contato com os trabalhadores e adquirir a base concreta necessária para compreender os conteúdos das falas dos trabalhadores que participariam da enquête.

Para Heloani e Lancman (2004), é importante compreender o sofrimento e o desgaste gerado pelo trabalho e seus efeitos sobre a saúde física e mental dos trabalhadores. Por isso, as visitas também tiveram o objetivo de identificar as condições de trabalho e as instalações, uma vez que estas desempenham papel importante na expressão do sofrimento e do prazer no trabalho.

Após as visitas, foi solicitada à direção uma reunião com todos os cooperados para apresentação do projeto. Esta apresentação foi realizada durante uma assembléia geral na qual foi reapresentada a proposta de pesquisa e solicitado aos trabalhadores interessados

que se inscrevessem para participar dos grupos. Os nomes dos 17 (dezesete) interessados foram anotados e discutiram-se dia e horário para a realização dos grupos.

O convite para a participação nas sessões foi aberto para todos os cooperados, pois entende-se que os membros da diretoria são trabalhadores da instituição. É importante destacar que, no caso da cooperativa em questão, os membros que compõem a diretoria assumem o cargo por um período de 2 (dois) anos e a escolha se dá por eleição em que todos os cooperados têm o poder de apontar qual trabalhador assumirá a administração – a empresa cooperativa é gerida por todos os trabalhadores, sócio-cooperados.

Devido ao número de trabalhadores interessados, formou-se um único grupo. Ficou acordado que as reuniões se dariam todas as quintas-feiras às dezessete horas, logo após o término do período de trabalho.

Foi discutida a possibilidade de realizar as reuniões em uma sala de treinamento que existe dentro do aterro sanitário, mas por escolha dos trabalhadores foi utilizada a mesma sala em que estava sendo realizada a assembléia, nas instalações da cooperativa. Assim, o primeiro encontro do grupo ficou marcado para a semana seguinte.

Como ficasse definida a realização dos encontros após o término do período de trabalho, manifestou-se preocupação quanto à mudança nos hábitos dos participantes da pesquisa, particularmente com relação ao horário do jantar.

Diante deste fato, optou-se por disponibilizar um *kit* de lanche para os participantes, de forma que estes não sentissem fome. O *kit* continha um pacote pequeno de bolachas, leite achocolatado e uma barra de chocolate. Este procedimento foi adotado em todas as sessões.

No início da primeira sessão, foi entregue o *kit* de lanche. A equipe de pesquisadores propôs uma apresentação dos participantes, solicitando que cada um falasse seu nome e local de trabalho. Em seguida, foi entregue o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). A equipe de pesquisadores providenciou a leitura coletiva do TCLE e, após o término, solicitou que todos os sujeitos o preenchessem.

O propósito da enquete é possibilitar uma reflexão transformadora. Como assevera Sznelwar (2004), a metodologia em Psicodinâmica do Trabalho é baseada na palavra do sujeito em situação de grupo, através de uma discussão sobre a prática do trabalho, reconhecendo-se a importância da autenticidade da palavra obtida nos grupos.

Como forma de provocar a discussão, foi proposta ao grupo uma questão desencadeadora: “O que vocês fazem no seu trabalho?” Essa ação possibilitou que os sujeitos se expressassem livremente, uma vez que o objetivo era conhecer o comentário verbal dos trabalhadores sobre o conteúdo da questão.

Segundo Dejours (2004a), os fatos observados são intersubjetivos e ocorrem pelas seguintes formas:

- a palavra dos trabalhadores – *“é a única via de acesso a essa realidade que ainda não veio à luz”* (p. 83);
- a pesquisa com trabalhadores organizados em coletivo que funcionam como fonte e coletivo de controle – *“Os fatos não existem em si, por isto não podem ser coletados. Os fatos devem ser extraídos da discussão, devem ser construídos e essa construção deverá em seguida ser validada”* (p. 80);
- a originalidade dos fatos a serem construídos cientificamente – *“A originalidade dos fatos a serem construídos ocorre porque a inteligência da experiência está à frente de sua inteligibilidade para o indivíduo”* (p. 81).

A escuta da equipe de pesquisadores foi dirigida de forma a apreender e compreender as relações subjetivas menos evidentes, que a simples observação não consegue mensurar, uma vez que se faz necessário considerar a qualidade das relações que o trabalho propicia. *“A escuta proposta pela Psicodinâmica do Trabalho é realizada de forma coletiva e desenvolvida a partir de um processo de reflexão, realizado com o conjunto de trabalhadores”* (HELOANI e LANCMAN, 2004, p. 82).

No final da enquete a equipe de pesquisadores combinou com os sujeitos que seria elaborado um relato da discussão realizada, a ser lido no encontro seguinte. Este procedimento foi estabelecido como padrão para as demais enquetes.

A redação do relato foi feita a partir dos dados retidos pela memória da equipe de pesquisadores e das anotações realizadas durante a sessão.

“O material da enquete é o resultado das vivências subjetivas expressas pelo grupo de trabalhadores durante os encontro. Esse material é apreendido a partir das palavras e do contexto no qual elas são ditas, das hipóteses sobre os porquês, de como estabelecem as relações com o trabalho, enfim, da formulação que os trabalhadores fazem da sua própria situação de trabalho” (HELOANI e LANCMAN, 2004, p. 83).

Na segunda sessão, o relatório foi lido para os sujeitos. O conteúdo do relatório foi retomado, discutido, validado, refutado. Segundo Heloani e Lancman (2004), *“trata-se de um processo interativo de apresentação das interpretações dos pesquisadores, validação da análise, dos resultados e das conclusões da intervenção entre pesquisadores e participantes da pesquisa/intervenção”* (p. 83).

Nas demais sessões, que totalizaram 5 (cinco), o mesmo procedimento foi adotado – o início de cada enquete se deu com a leitura do relatório do encontro anterior.

Ao término das cinco sessões foi elaborado um relatório síntese contendo os elementos subjetivos surgidos durante as sessões.

Segundo Heloani e Lancman (2004), o relatório possibilita a reapropriação do material de pesquisa, havendo a reelaboração do saber frente às situações de trabalho. Como forma de validação e reapropriação do material de pesquisa, os sujeitos foram chamados para ouvir a apresentação deste relatório. O conteúdo do mesmo foi discutido com os sujeitos, validado e refutado.

Com a aprovação e comentários dos sujeitos da pesquisa, foi elaborado um relatório final. Como forma de difundir as interpretações elaboradas sobre o relatório do grupo, foi proposta a apresentação do relatório final para os trabalhadores que não participaram diretamente da pesquisa. A direção da cooperativa viabilizou então uma assembléia geral em que o relatório foi apresentado. Dessa forma, houve uma validação ampliada da análise dos resultados e das conclusões da pesquisa.

III. ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados seguindo-se metodologia qualitativa de análise de conteúdo. Utiliza-se o referencial psicanalítico, o qual privilegia, além do conteúdo manifesto, aquilo que está latente. Para tal propósito, são levantadas “categorias” ou “temas” que serão apresentados nos resultados em forma descritiva e explicativa.

IV. RESULTADOS

O resultado desta investigação é produto da autenticidade da palavra obtida na enquête, a partir de um exercício de reflexão coletiva. Os dados serão apresentados a partir de temas de análise.

Manter-se no trabalho é resistir, é superar os próprios limites

O trabalhador está em contato direto não só com o material reciclável, mas com o lixo, com o rejeito. A esteira é o local em que esse contato se dá de forma mais intensa. O trabalhador está pronto para tudo, para o inesperado.

“Quando o material vem limpo, é tudo mais rápido, mais fácil. O sujo é terrível! Vem sujeira de cachorro, vem resto de fruta, resto de feira, vem fralda suja, de criança, de adulto. Vem animal morto, já veio até cobra”.

“No início, quando você não está acostumado, tem um impacto. É chocante! Depois, se torna algo normal. Você acaba se acostumando”.

“Nossa! Já veio de tudo, até esqueleto humano. Já veio vidros de sangue, vem sempre agulhas”.

“O material era bom. Coleta seletiva na cidade não existe. Para ser coleta seletiva não pode passar de vinte e cinco por cento de rejeito. Hoje, está em sessenta por cento”.

Para suportar o contato com o sujo, existe um movimento coletivo, inconsciente, de negação da situação de trabalho e a esteira passa a ser o lugar mais estimulante para se trabalhar.

“Na triagem já acharam ouro, dólar, nota africana, libra, nota japonesa. Já teve um buffet que colocou, claro que por engano, toalhas muito caras e a gente pegou. Já acharam lençol, arma”.

“Trabalhar na esteira é o que estimula. É bom ficar na esteira, não só para pegar as coisas... as horas passam mais rápido, as pessoas conversam mais, ficam mais descontraídas”.

Assim, a dificuldade em lidar com o lixo, com fezes, com animais mortos, com o mau cheiro, com a degradação que aparece em maior proporção é transformada em satisfação diante da possibilidade do encontro com o útil, com o bom, com o que pode trazer ganho, com o que tem valor e que não é desprezado.

Como forma de driblar o sofrimento do convívio com o lixo desenvolve-se um mecanismo de compensação e inicia-se um processo de encontrar vantagens do trabalho realizado.

“Tudo que eu encontro eu levo e divido com a família. Teve gente que já levou panela, ferro, planta pra casa. A gente já achou tartaruga viva, era na verdade um jaboti... ele não morreu por sorte”.

“Temos um shopping. Encontramos coisas úteis como sapatos, tênis. Não há briga, se um quer e o outro também, quem encontrou primeiro é que fica”.

“Trabalhar na esteira é o que motiva. Acaba sendo um vício, tudo o que você encontra, você quer levar embora pra casa”.

“Já encontrei lingerie com etiqueta. A loja deve ter jogado por engano... a gente encontra coisa novas, na

embalagem. Vem dinheiro, vem ouro, vem carteira, vem relógio... e não tem briga”.

A negação do risco do trabalho

Existe conhecimento de que o contato com o lixo pode acarretar problemas a saúde dos trabalhadores, mas essa tema não é abordado. Trata-se de uma estratégia coletiva de defesa. Falar sobre o risco que o trabalho traz, significaria a paralisação da tarefa.

“Aqui tem sapo, perereca, rato. Os gatos eliminaram bastante os ratos... A gente vê rato de cada tamanho, enorme”.

“Uma tranqueira aqui são as pombas. Comem todos os lixos e comem de tudo... Imagina quantas bactérias elas têm... até morrem do lixo que consomem”.

“Não tem jeito de eliminar as pombas, o lixo é o atrativo. Por mais que se faça, não tem como eliminar”.

“Os pombos são os piores para a saúde, porque é o que mais pode dar doenças, mas ninguém sabe se tem algum problema... não sei quais conseqüências e problemas as pombas podem dar”.

“Aqui nunca teve acidente grave. Aqui o que teve foi só tropeço, outro que caiu. Teve um aqui que caiu e teve que por pino do braço”.

“Teve gente que por falta de óculos de proteção, entrou vidro no olho e teve problema”.

“Já teve cooperado que alegou que se machucou porque não tinha EPI, mas isso é mentira. Sempre se teve protetores, mas o pessoal não usa”.

“O perigo mesmo é com picada de agulha. Eu furei meu dedo com uma agulha. Teve outras pessoas também que se furaram. Mas só que ninguém teve problema”.

“Já teve gente que levou picada de aranha. Tem um cooperado, coitado, já foi picado duas vezes por aranha. Uma delas era venenosa”.

O mecanismo que o grupo encontra para driblar o medo é descartando a possibilidade do risco. Isso se concretiza através da não utilização do EPI (equipamento de proteção individual).

“Eu quase perdi a vista. Tive que fazer tratamento... é, foi falta do óculos de proteção. Quando caiu vidro no olho, fiquei afastada por quinze dias. Fui ao médico depois de vinte e quatro horas”.

“É, já teve oito pessoas que já se furaram com as agulhas. A pessoa é encaminhada até a unidade de saúde da V.G e lá ela faz todos os exames e tem acompanhamento. Até hoje, ninguém teve problema”.

“Não somos funcionários da prefeitura, mas fazemos parte de um programa do ‘serviço de saneamento ambiental’. A gente poderia ter mais atenção pela própria circunstância do trabalho... tem uma tendência a ter alguma doença, bactéria”.

“O mais difícil de usar é os óculos, a máscara, o protetor de ouvido”.

“Os óculos e a máscara dão muito calor, embaça. Dependendo da situação, incomoda”.

“Houve treinamento, tudo, para usar o equipamento, mas há resistência porque não há seriedade para se cobrar. Falta o comprometimento de cada um”.

“O EPI deveria ser apoiado pela prefeitura. O que é para ser usado em oito horas é usado em cinco, seis dias. Ninguém ajuda e a gente não tem condição de comprar”.

O esforço para a realização da tarefa

Existe uma divisão de tarefas e funções. A realização da tarefa é fundamental, pois a retirada depende do êxito em triar da forma mais qualificada possível o material para posterior comercialização que depende do mercado.

“É tem que ter muita união entre as meninas! Olha é difícil, tem que ter atenção para não jogar na boca errada. Tem que ficar que nem um computador na cabeça para separar quatro itens porque a esteira não pára”.

O conhecimento de todo o processo de trabalho, o percurso que o material assume na cooperativa para posterior comercialização é conhecido por todos, o que garante o cuidado e a qualidade da triagem.

“É difícil, mas é gostoso... É a gente conversa, é como se fosse uma terapia, a gente deixa as coisas de lado. Enquanto o material passa, a gente pega o nosso, o da outra e ainda dá par conversar sobre a vida”.

Os trabalhadores sentem na pele a dificuldade em triar o material, a divisão de tarefas na prática muitas vezes não existe e para a realização da tarefa o trabalhador se desdobra o máximo possível para realizá-la. Tudo isso é possível pela capacidade do trabalhador desenvolver artimanhas no trabalho, criar o seu jeito de fazer e a cooperativa permite este espaço de criação. Podemos dizer que esse espaço da criatividade torna-se uma fonte de satisfação e prazer, minimizando o sofrimento decorrente do trabalho.

“Ao todo, são 16 materiais para reciclar. Você pega de tudo, só que a gente tem um dia para cada coisa específica. Enquanto não passa aquilo que eu tenho que pegar, eu ajudo a companheira do lado”.

“Eu trabalho na expedição, na boca. Quando o carrinho lota, eu tenho a incumbência de levar para o caminhão. Tem dia que a gente fica estressado e xinga todo mundo, mas gosto do que faço. É que não é serviço só para um, é para dois no mínimo”.

“Na cooperativa a gente pode falar que é como se fosse uma firma, só que nós mesmos é que mandamos, fazemos as regras. Precisamos manter e seguir as regras. Temos uma diretoria, uma comissão de ética... uma situação que se pelo menos não é maioria, é cinquenta por cento mais um”.

Sentir-se explorado

O trabalhador desempenha um papel fundamental no destino aos resíduos sólidos, tanto recicláveis quanto os rejeitos. Existe uma pressão da prefeitura, poder de chefe, para que a tarefa seja executada com êxito, mas não é dada a condição para que isso aconteça (condições da instalação, equipamentos de segurança - EPI, maquinário).

“A reciclagem é igual ao tráfico de drogas, não acaba porque alguém ganha com isso, é rentável”.

“Nós temos destino para o rejeito. Os caminhões clandestinos colocam em qualquer terreno... o ferro velho vem aumentando porque não tem fiscalização. A prefeitura e o serviço de saneamento ambiental não fiscalizam”.

“Nós somos sozinhos. A prefeitura não dá a mínima... Eles não vão ajudar! Os cooperados não devem acreditar em papai Noel”.

A gente está limpando o ambiente deles!

“O importante é que a gente atinja o nome reciclagem! Sair da exploração!”.

“O serviço de saneamento ambiental não investe nas condições de trabalho. Eles não investem na cooperativa, mas cobram”.

“Falta campanha, falta sensibilização por parte do serviço de saneamento ambiental. Ajuda maior não vem... óculos, proteção de ouvido, capacete, uniforme, bota, luva, avental, máscara. (o outro responde). Mas a utilização é péssima”.

O trabalho invisível

O trabalhador da cooperativa de reciclagem aparece como uma profissão invisível, pois de modo geral, a população desconhece o trabalho desenvolvido. Isso causa uma

frustração. A ansiedade causada pelo sofrimento do não reconhecimento é atribuído ao desconhecimento da profissão.

“As campanhas não conscientizaram nada. As pessoas pensam que o material vai para a prefeitura. Elas não sabem que o material gera trabalho e renda”.

“A campanha não mostra a cooperativa. Nós estamos aqui e vamos continuar tentando – quem está na chuva é pra se molhar. A partir do momento que a população fica sabendo que é para uma cooperativa, pode melhorar. A pessoa que não precisa vai participar”.

O não reconhecimento social

O trabalho de reciclagem não é reconhecido socialmente. A população não reconhece o trabalho de reciclagem, uma vez que não consegue articular quais são os impactos sociais, econômicos e ambientais do trabalho realizado. Esse não reconhecimento social, a desvalorização do trabalho gera sofrimento.

“São os coletores que melhoram a cidade. As pessoas não têm conhecimento do que a gente está fazendo”.

“A gente está limpando o ambiente deles!”.

“Falta marketing. As cooperativas são renegadas! É frustrante, é muito triste. Quando você comenta que é reciclável as pessoas não sabem”.

“A prefeitura faz marketing sobre coleta seletiva, mas não divulga as cooperativas. A população não conhece o nosso trabalho, não conhece a cooperativa”.

“Estamos lutando para sermos valorizados pelos órgãos públicos pelo nosso trabalho”.

A cooperação e a solidariedade

A luta pela sobrevivência é um elo muito forte entre os trabalhadores. A necessidade de manter o posto de trabalho, de gerar renda, significa ter dignidade, significa ser um trabalhador, ter um papel na sociedade.

“Ao todo são dezesseis materiais para reciclar. Você pega de tudo, só que a gente tem um dia para cada coisa específica. Enquanto não passa aquilo que eu tenho que pegar, eu ajudo a companheira do lado”.

É visível a solidariedade existente no grupo. Como forma de suportar o sofrimento decorrente do trabalho criou-se um grande laço afetivo pelas pessoas, de solidariedade e cooperação. Isso significa ajudar o outro a realizar a tarefa.

“Olha! Hoje eu fiquei responsável para tirar o papel branco. Mas é calô que quando a companheira que está do lado triando outra coisa, a gente ajuda... eu estava do lado dela e claro que a gente ajuda!”.

“Tem que ter muita união!”.

“Eu faço o café, cuido daqui, mas já fiz tudo o que eles já fazem. Olha, eu faço café para setenta e cinco pessoas! Alguns reclamam porque está doce, outros porque não está. São muitas pessoas com gostos diferentes. Eu começo a preparar logo às oito da manhã para eles tomarem o café às nove. Depois, às dez e meia eu encho o marmiteiro para ao meio dia o almoço e as quinze horas o último café”.

“Nós somos vencedores. Se fosse outra empresa não tinha sobrevivido, teria muitas brigas. Aqui não a gente está unido e vamos ficar pra ver até onde dá”.

“Aqui nunca teve acidente grave. Temos que vangloriar a prestação de contas. Foi a própria cooperativa que fez. Estamos num processo de crescimento e autonomia. Somos ponte de referência. Estamos lutando para sermos valorizados pelos órgãos públicos... pelo nosso trabalho!”.

“A gente não sabe o poder da cooperativa. Esse trabalho me ensinou (silêncio)... que nem na história da águia e da galinha. (Todo mundo conhece essa história? Então contra pra gente! – interferência da pesquisadora). A fábula da águia e da galinha é o seguinte... no fundo todo mundo diz que somos galinhas e a gente acredita. O que falta pra gente é assumir que somos águia”.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação, de cunho exploratório, nos mostra uma parte da problemática vivida pelos trabalhadores que lidam com o lixo, uma vez que se trata da vivência subjetiva de trabalhadores de uma cooperativa de reciclagem.

A análise dos dados mostra que a organização do trabalho neste caso torna-se pano de fundo para a problemática do sofrimento psíquico, uma vez que, na cooperativa, os trabalhadores têm certo controle sobre a realização da tarefa, podendo interferir no processo de trabalho.

Constatou-se ainda que o sofrimento psíquico decorrente do trabalho assume diversas formas: a negação do risco à saúde física decorrente da precariedade e insalubridade do trabalho, que se concretiza pela não-utilização dos equipamentos de segurança (EPI) e por maus hábitos de higiene; a negação da dificuldade em manusear o lixo, pela busca de vantagens na atividade realizada que ajudem a suportar o contato com o que é sujo e desvalorizado.

A luta para manter-se no trabalho, faz com que os trabalhadores superem seus próprios limites. O sujeito está pronto para tudo. Segundo Dejours (2004b),

“O trabalho é aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, saberfazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações, é o poder de sentir, de pensar e de inventar”(p.29).

O sofrimento decorrente do contato com o sujo, com o mau cheiro suscita ideologias defensivas, o que resulta uma percepção irrealista da realidade. Isso faz com que os trabalhadores buscam “coisa boas” na triagem, principalmente a possibilidade de adquirir “coisas úteis”, que são consideradas descartadas por engano.

Existe um esforço para a realizar a tarefa. Isso proporciona a cooperação entre os sujeitos – sendo a solidariedade e a cooperação as características mais marcantes nas

relações entre esses trabalhadores, havendo o reconhecimento entre os pares do trabalho realizado.

No que diz respeito ao reconhecimento social do trabalho, observa-se que a ausência de valorização do trabalho gera sofrimento, uma vez que os trabalhadores não conseguem encontrar sentido para o trabalho.

Entende-se que o trabalho de triagem de resíduos recicláveis é grande relevância ambiental, econômica e social, mas é preciso atentar-se para o fato, uma vez que o problema da destinação do lixo não pode superar os efeitos deste trabalho sobre a saúde física e mental dos trabalhadores.

Esse quadro só poderá ser alterado com melhores condições de trabalho e, principalmente, com o reconhecimento da atividade como algo fundamental para a sociedade e que, como tal, deve ser valorizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, J.I. & TORRES, C.C. (2004). Entre a organização do trabalho e o sofrimento: o papel de mediação da atividade. *Revista Produção*. São Paulo, v.14, n.3, p.67-76. set-dez.
- BOFF, L. (1997). Nós somos águias! *In: A Águia e a Galinha*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p.30-34.
- BRASIL. Associação Brasileira de Normas Técnicas. *NBR 10004/2004. Resíduos Sólidos – classificação*. 2º edição, 2004.
- BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. – textos para discussão nº608. Motta, R. S., Sayago, D. E. *Propostas de instrumentos econômicos e ambientais para a redução do lixo urbano e o reaproveitamento de sucatas no Brasil*, 1998.
- BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. – textos para discussão nº416. Chermont, L.S., Motta, R.S. *Aspectos Econômicos da Gestão Integrada de Resíduos Sólidos*, 1996.
- CATAPRETA, C. A. A. & HELLER, L. (1999). Associação entre coleta de resíduos sólidos domiciliares e a saúde. *In Revista Panamericana de Salud Pública*. v5. 2. Washington.
- DEJOURS, C. (2004a). Da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho. *In: Lancman, S., Sznelwar, L. & Dejours, C.: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro. Fiocruz, 2004, p.47-104.
- _____ (2004b). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*. São Paulo, v.14, n.13, p.27- 34, set/dez.

- _____ (2004c). Análise Psicodinâmica das situações de trabalho e sociologia da linguagem. In: Lancman, S., Sznelwar, L. & Dejours, C.: ***Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho***. Rio de Janeiro. Fiocruz, 2004, p.197-241.
- _____ (2003) ***Conferências Brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho***. São Paulo: Fundap: EAESP/FGV.
- _____ (1994). ***Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho***. São Paulo: Atlas.
- _____ (1992). ***A Loucura do Trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho***. São Paulo: Cortez, 5ª ed.
- _____ (1986). Por um novo conceito de saúde. ***Revista Brasileira de Saúde Ocupacional***. São Paulo, nº 54, v.14, p.08-11.
- FERREIRA, L. L. (1986). Apresentação: por um novo conceito de saúde. ***Revista Brasileira de Saúde Ocupacional***. São Paulo, nº 54, v.14, p.07.
- FERREIRA, J. A. & ANJOS, L. A. (2001) Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais. ***Cadernos de Saúde Pública***. Rio de Janeiro, v.17 (3): 689-696, mai-jun.
- GRIMBERG, E. & BLAUTH, P. (1998). ***Coleta Seletiva: reciclando materiais, reciclando valores***. São Paulo: Polis.
- HELOANI, R. & LANCMAN, S. (2004) Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. ***Revista Produção***. São Paulo, v.14, n.13, p.77-86, set/dez.
- LANCMAN, S. e UCHIDA, S. (2003). Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. ***Cadernos de Psicologia do Trabalho***. São Paulo, 2003, v.6, p.79-90.

- LANCMAN, S. O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho. *In*: Lancman, S., Sznelwar, L. & Dejours, C.: ***Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho***. Rio de Janeiro. Fiocruz, 2004, p.23-34.
- MERLO, A.R.C. & BARBARINI, N. Reestruturação produtiva no setor bancário brasileiro e sofrimento dos caixas executivos: um estudo de caso. ***Psicologia Social***. jan./jun. 2002, vol.14, no.1, p.103-122. Disponível na internet: <http://www.scielo.br/scielo>. [citado 29 Março2004]
- MIGLIORANSA, M.H. *et al.* (2003) Estudo Epidemiológico dos Coletores de Lixo Seletivo. ***Revista Brasileira de Saúde Ocupacional***. São Paulo, v.28, nº107/108. p.19 – 28.
- PEQUENO, P. A. M. ***Coleta Seletiva de Lixo***: uma alternativa para minimização de resíduos com geração de renda. Rio de Janeiro, 2002. 148p Dissertação (mestrado) em Saneamento Ambiental,– FIOCRUZ.
- RIO DE JANEIRO (Município). Instituto Brasileiro de Administração Municipal – IBAM. ***Manual de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos***. Coordenação técnica de Victor Zular Zveibil. Rio de Janeiro, 2001.
- RIQUE, M. (2001). ***Os pioneiros de Rochdale e os princípios do cooperativismo***. São Paulo, IPUSP, 2002/ Texto retirado da apostila História da Economia Solidária do Curso de Extensão em Economia Solidária.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Estado do Meio Ambiente. ***Agenda 21: Conferências das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento***. São Paulo, 1997.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Coordenadoria de Educação Ambiental. ***Guia Pedagógico do Lixo***. Coordenação Geral: José Flávio de Oliveira. São Paulo, 2002.

SINGER, P. (2000). Economia Solidária: um modo de produção e distribuição. In Singer, P. & Souza, A.R. ***Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego***. São Paulo: Contexto, p.11- 29.

_____ (2002). ***A recente Ressurreição da Economia Solidária***. São Paulo, IPUSP, 2002./ Texto apresentado no curso de Economia Solidária.

SISSINO, C.L.S. (2000) ***Resíduos Sólidos, Ambiente e Saúde: uma visão multidisciplinar***. Rio de Janeiro: Fiocruz.

SZNELWAR, L.I. Sobre estes Textos da Psicodinâmica do Trabalho, Algumas Considerações. In: Lancman, S., Sznelwar, L. & Dejours, C.: ***Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho***. Rio de Janeiro. Fiocruz, 2004, p.35-43.

SZNELWAR, L.I. & UCHIDA,S. Ser auxiliar de enfermagem: um olhar da psicodinâmica do trabalho(2004). ***Revista Produção***. São Paulo, v.14, n.13, p.87-98, set/dez.

VEIGA, S.M. & FONSECA, I. (2001) ***Cooperativismo: uma revolução pacífica em ação***. Rio de Janeiro: DP&A: Fase, 112p.

ANEXOS

RELATÓRIO – 1ª enquête

Relatório elaborado para ser apresentado aos sujeitos no 2ª encontro

O encontro foi iniciado com a distribuição do lanche. Após a apresentação das pessoas, a coordenadora perguntou: “*O que vocês fazem no seu trabalho?*” Um cooperado explicou o processo de triagem e quais materiais são separados para comercialização, esclarecendo também como o material chega até a cooperativa – trazido pelos caminhões da coleta seletiva –, o que vem de um hospital particular, de um hipermercado e de condomínios residenciais. Nesse momento, foram apontadas as diferenças de trabalho de acordo com o “posto” que cada um ocupa. Comentou-se como se dá o trabalho na cooperativa. O grupo passou então a levantar as seguintes questões:

Há necessidade de ter concentração durante o trabalho na esteira. O trabalho só é possível com a ajuda das outros colegas, e um erro no momento da separação do material pode causar acidente. Por exemplo: se alguém joga vidro onde tem que jogar papel, o outro pode se cortar.

Apesar da atenção exigida, o trabalho é considerado fácil, além de acontecer em um espaço que permite a descontração. Em alguns momentos, porém, os cooperados se irritam com as dificuldades encontradas, que muitas vezes têm a ver com o número insuficiente de pessoas para o volume de material.

Uma cooperada desenvolve um trabalho que “influencia na vida” de todos os colegas: fazer café, esquentar as marmitas. Apesar da escolha dessa pessoa ter sido feita de forma coletiva, em assembléia, esse trabalho nem sempre satisfaz a todos, pois as pessoas têm gostos diferentes.

Foi comentado também o trabalho que é realizado em um hipermercado, cujo material encaminhado à cooperativa chega limpo. Fora isso, porém, o material costuma chegar com muita sujeira, o que traz dificuldades para os cooperados durante a triagem do material.

RELATÓRIO – 2ª enquête

Relatório elaborado para ser apresentado aos sujeitos no 2ª encontro.

Após a entrega do lanche, foi lido o relatório do primeiro encontro. Em seguida, o grupo avaliou se esse relatório contemplava as discussões que haviam sido feitas na 1ª sessão. Os participantes levantaram as seguintes questões:

Seria importante não utilizar a palavra *carrinheiros*, pois não são os carrinheiros que prejudicam a cooperativa e sim os caminhões clandestinos. Os catadores são uma categoria explorada, roubada; não se tornam cooperados porque querem receber no dia, mas de qualquer forma há espaço de trabalho para todos.

O relatório deu destaque para a pessoa responsável por fazer o café. Essa pessoa trata a todos com bastante atenção e dedicação. Isso mostra a relação de proximidade e cuidado entre os cooperados: a cooperativa é uma empresa coletiva onde as decisões são tomadas em grupo e a vontade da maioria prevalece.

O relatório não apresenta a questão do material sujo – fezes, animais em decomposição – que faz parte do dia-a-dia do trabalho.

Apesar de se ter de lidar com material sujo, o trabalho tem seu lado positivo, pois na triagem do material é possível encontrar coisas úteis como sapatos, roupas em ótimas condições de uso que são úteis para os cooperados, seus familiares e vizinhos. Comentaram-se várias situações em que coisas e objetos desse tipo foram encontrados. Muitas vezes é possível encontrar dinheiro – dólar, nota africana, libra, nota japonesa –, relógios, ouro e roupas com etiqueta. Essas coisas são colocadas no lixo por engano e o cooperado que as encontra tem o direito de ficar com elas. Desta forma, é estimulante trabalhar na esteira porque podem ser encontrados materiais úteis. Assim, o tempo passa rapidamente e as pessoas que estão trabalhando nas esteiras conversam mais e ficam mais descontraídas.

Várias pessoas vão ao aterro sanitário à procura de objetos (principalmente dinheiro) colocados por engano no lixo. Em alguns casos é possível encontrar e em outros,

não. Muitas coisas vão para o lixo por engano: as pessoas usam sacos de lixo para guardar objetos ou dinheiro e, por descuido, esses sacos são levados para serem coletados/recolhidos. Exemplo disso é que, além de dinheiro, também já foram encontradas armas.

O que mais motiva é trabalhar na esteira – pode até se tornar um vício, uma vez que os cooperados querem levar tudo que encontram de “útil” para suas casas. O material encontrado que é considerado “útil” não pode ser vendido, mas dividido entre os cooperados. Muitas coisas “úteis” são encontradas, como panelas, ferros, chuveiros, plantas e até animais vivos como tartarugas e jabutis, saruês e gambás.

RELATÓRIO – 3ª enquête

Relatório elaborado para ser apresentado aos sujeitos no 4º encontro.

Após a leitura do relatório do segundo encontro, o grupo levantou as seguintes questões:

A cooperativa tem recebido material para triagem em condições melhores devido ao fato do serviço de saneamento ambiental estar desenvolvendo uma campanha para o município. Além disso, há um projeto chamado “Reciclarede”, que engloba cooperativas e carrinheiros e vai implantar estações de coleta de material reciclável em vários pontos da cidade. Desta forma, os próprios cooperados irão trabalhar nas estações, que serão pequenas usinas de triagem.

Alguns cooperados não acreditam que o projeto vai dar certo. Além disso, o trabalho nas estações pode mudar um pouco, pois o tipo de maquinário será diferente. O projeto foi elaborado em parceria com a prefeitura e ficou parado durante muito tempo; agora, com a liberação dos recursos pelo BNDES, todos estão correndo para garantir o início do projeto e, por causa da intervenção do poder público municipal, o financiamento do BNDES vai ser a fundo perdido.

O projeto está lançado e, com seu início, a cooperativa precisará de mais cooperados ou irá deslocar os cooperados para as estações. A cooperativa está funcionando há seis anos e os cooperados vêem a mudança com receio. A maioria não tem conhecimento da dimensão do projeto “Reciclarede”. Para o empreendimento dar certo é preciso seguir à risca o projeto. Isso significa que cada estação seria como uma mini-cooperativa.

No futuro próximo a cooperativa terá que sair do espaço do aterro sanitário por causa da incapacidade do local. O aterro tem aumentado de volume de forma bastante rápida, uma vez que a população não tem realizado de forma correta a coleta seletiva. É possível identificar muito material reciclável aterrado.

A população da cidade desconhece a cooperativa e não existe a preocupação de separação do lixo porque as pessoas pensam que o material é encaminhado para a prefeitura. Falta divulgação das cooperativas. Desta forma, a população não sabe da existência da cooperativa e isso acaba se tornando frustrante.

A população não sabe o que pode ser reciclado e por isso é necessário realizar campanhas. Até o momento foram realizadas algumas campanhas pelo serviço de saneamento ambiental, mas elas não trouxeram mudanças para a cooperativa (não houve retorno). É importante divulgar as cooperativas.

Existem problemas com relação à coleta, uma vez que os caminhões passam em horários diversos, geralmente no período noturno, e o próprio coletor tem dificuldade de distinguir material reciclável de orgânico.

Em 2000/2001 havia cem por cento de coleta seletiva na cidade mas hoje a população já não está separando: a cooperativa recebe muito material orgânico e isso torna necessária a sensibilização da população para a coleta seletiva.

Na época em que a cooperativa foi fundada, em 1999, havia muito trabalho. Os cooperados ficavam das oito da manhã às oito da noite. Mas, com o tempo, a quantidade de material foi diminuindo. Houve épocas em que a cooperativa não conseguia triar todo o material que chegava e muitos caminhões carregados em sua capacidade máxima foram para o aterro. Hoje, a quantidade de material diminuiu muito e afirma-se que não existe coleta seletiva na cidade.

As campanhas não conscientizam a população, isso porque as pessoas não sabem que a cooperativa existe e que o material gera trabalho e renda.

A divulgação feita não mostra as cooperativas, mas se a população tomasse conhecimento de que o material vai para as cooperativas a situação poderia melhorar; poderia aumentar a quantidade de material que a cooperativa recebe.

Parte dos problemas encontrados pela cooperativa no que diz respeito à falta e à quantidade de material recebido se deve a mudanças de horário na coleta feita pelos

caminhões. Mas o principal é que a população não acredita no serviço de saneamento ambiental e também está insatisfeita pela quantidade de taxas a serem pagas. A diminuição do material coletado não se justifica, pois a população continua consumindo e produzindo lixo, o que mostra a sustentabilidade do mercado de reciclagem.

Os cooperados são vencedores, pois conseguem manter-se firmes na cooperativa e buscam melhorar sempre.

Apesar das dificuldades, nunca houve acidentes graves; a cooperativa tem se organizado cada vez mais e é visível o seu processo de crescimento e autonomia.

A cooperativa é um ponto de referência e seus participantes estão lutando para serem valorizados e reconhecidos pela prefeitura e pelo serviço de saneamento ambiental.

RELATÓRIO – 4ª enquete

Relatório elaborado para ser apresentado aos sujeitos no 5ª encontro

Após a leitura do relatório do 3º encontro, o grupo levantou as seguintes questões:

O relatório menciona um período de muito trabalho da cooperativa, em que se trabalhava das oito da manhã às oito da noite, e muitas vezes chegou-se a trabalhar das oito horas da manhã às dez da noite. Mas o trabalho está fraco nos últimos dias e o volume de material recebido vem caindo. A alternativa para melhorar é o projeto ReciclaRede.

A pesquisadora levanta o tema acidente, que foi citado no término do encontro anterior. Os cooperados consideram que nunca houve acidente grave na cooperativa. Um acidente que aconteceu foi picada de agulha, mas isso não é considerado grave: o cooperado foi levado para uma unidade de saúde (centro epidemiológico), onde recebeu medicação. É considerado acidente grave aquele que afasta o cooperado do trabalho. Exemplos desse tipo de acidente são fratura, torção, tombos.

Alguns acidentes ocorreram por falta de uso de EPI (equipamento de proteção individual), como foi o caso de um cooperado que recebeu uma fálscia – pequeno pedaço de vidro – nos olhos. Apesar de não afastar a pessoa do trabalho, esse acidente colocou sua visão em risco. É apontada assim a resistência dos cooperados ao uso dos EPIs.

O perigo está na picada por agulha hospitalar. Apesar de nenhum cooperado ter manifestado doenças, teme-se não tanto pelas doenças sexualmente transmissíveis e AIDS quanto pela hepatite.

Além das picadas por agulhas já houve picadas de aranhas, o que exigiu a ida ao posto médico. Além das aranhas, os cooperados deparam com sapos, pererecas e o local é infestado de ratos e cobras. Os gatos que existem no local ajudam no controle dos ratos. Os cooperados alimentam os gatos com carnes que encontram.

Um problema grave é o grande número de pombos. Eles são considerados uma ameaça à saúde, pois transmitem doenças e há dificuldade de eliminá-los. A solução possível é um produto – um gel –, mas ele tem custo alto e a cooperativa não tem condições de comprar. O serviço de saneamento ambiental poderia adquirir o produto e disponibilizar para a cooperativa, mas isso não acontece.

Nenhum cooperado desenvolveu doenças transmitidas por pombos. Por outro lado, não se sabe quais são essas doenças. Os cooperados desconhecem as doenças, mas reconhecem que elas podem ficar incubadas.

A cooperativa assume os custos de todos os acidentes de trabalho; o serviço de saneamento ambiental não ajuda nesses casos. O serviço poderia ter investido na cooperativa como forma de melhorar as condições de trabalho, inclusive para a aquisição de equipamentos de proteção como óculos, protetores de ouvido, capacetes, uniformes, botas, luvas, aventais e máscaras.

Apesar da cooperativa ter o mapa de risco de cada setor, os cooperados não utilizam os EPIs. A justificativa para a falta de uso é o desconforto que os EPIs ocasionam. Os óculos de proteção e a máscara esquentam, gerando incômodo ainda maior para os cooperados que os utilizam junto com óculos de grau.

As dificuldades em utilizar os EPIs se devem a dois fatores: a cooperativa tem dificuldade em adquirir os equipamentos devido ao alto custo, o que faz com que os cooperados decidam retirar o dinheiro em vez de investi-lo em equipamento; isso gera a necessidade de utilizar um equipamento por mais tempo do que suas condições de uso permitem. Nesse momento é mencionado novamente o papel do serviço de saneamento ambiental que cobra da população pela coleta e não ajuda a cooperativa, nem mesmo na compra dos EPIs.

Alguém afirma: “A gente está limpando o ambiente deles”, e logo é corrigido: “Não, o ambiente é nosso”. Os cooperados têm dificuldade para entender por que a prefeitura não investe na cooperativa, uma vez que as instalações/sede da cooperativa são patrimônio público e a cooperativa tem exercido o papel importante de ajudar prolongar o tempo de vida do aterro sanitário.

RELATÓRIO – 5ª enquete

Relatório elaborado para registrar a última enquete – não foi apresentado aos sujeitos.

O encontro foi iniciado com a distribuição do *kit* lanche. Após a leitura do relatório do 4º encontro, uma trabalhadora coloca que quando caiu vidro em seu olho, teve um acidente, ficou afastada por quinze dias.

Nesse momento é colocada a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, levanta-se a discussão sobre a necessidade dos cooperados serem acompanhados devido as “próprias circunstâncias de trabalho”, uma vez que os exames de rotina, que acontecem em geral uma vez por ano não consegue avaliar, acompanhar.

É apontado que os cooperados não são funcionários da prefeitura, mas fazem parte de um programa do serviço de saneamento ambiental e que por isso a prefeitura poderia dispor de um acompanhamento dos serviços de saúde .

Um cooperado apontou do texto “ *o ambiente é nosso*”. Nesse momento discutiu-se que a cooperativa faz parte da cidade, que trabalho de reciclagem realizado pela cooperativa juntamente com a população tem ajudado a evitar enchentes. “*As garrafas PET - sempre aparecia um monte jogadas nos rios. Depois do nosso trabalho, sumiu isso. É qualidade de vida*”.

É apontado que a cooperativa consegue separar o que é reciclável e o rejeito tem um destino certo, vai para o aterro sanitário. Já no caso dos caminhões clandestinos, o rejeito é colocado em qualquer terreno baldio, em vias públicas. Os ferros velhos clandestinos vem aumentando, devido a falta de fiscalização. Isso tem gerado o aumento da coleta clandestina, prejudicando diretamente o volume do material recebido.

Inicia-se a discussão sobre a rentabilidade que o lixo vem assumindo, o valor de mercado adquirido e o interesse que a população mais pobre tem pelo lixo, pelas latinhas, pelo papelão e a forma como os intermediários tem se beneficiado com isso “*hoje, a*

reciclagem é como o tráfico de drogas, é rentável” e que isso poderia ser melhorado com a fiscalização e principalmente com a participação da população, mas que esta não o faz pois não se sente responsável pelo lixo que produz.

Foi lembrado que alguns anos atrás, com a inexistência da coleta domiciliar, cada pessoa tratava o lixo que produzia, havia uma preocupação com o destino final do lixo. O orgânico era utilizado como adubo e o que não servia colocava-se fogo.

É lembrado que próximo as instalações da cooperativa há uma área ocupada por diversas familiar (favela) que era um antigo aterro – *“Aquilo é uma bomba! É um aterro de tudo, em que não tem lugar para passar o gás e a população não sabe”*. E outra pessoa completa *“O Brasil está longe de pensar a questão ambiental! É preciso penalizar com multa as pessoas grandes que estão envolvidas”*.

É destacado que a situação da cooperativa está precária devido a baixa quantidade de material recebido e que os trabalhadores não conseguem mudar esse quadro.

A equipe de pesquisadores provoca a discussão sobre quais seriam as alternativas para dar visibilidade para a questão do lixo, sendo trabalhado o potencial de transformação através da mobilização popular e que esta poderia se dar com demais vizinhos, parentes e amigos, destacando a importância de se colocarem como munícipes, cidadãos, e que a visibilidade para a questão poderia partir deles através do reconhecimento das possibilidades dos canais de interlocução da cidade – espaços públicos de discussão, plenárias organizados pelo poder local na qual a questão poderia tornar-se pública.

RELATÓRIO FINAL

Relatório elaborado para apresentação na sessão de validação.

Este documento é resultado da análise dos conteúdos das discussões realizadas nos encontros, a partir de um exercício de reflexão em grupo. Os dados serão apresentados a partir de temas.

O trabalho invisível:

O trabalhador da cooperativa de reciclagem aparece como uma profissão invisível, pois se considera que a sociedade de modo geral desconhece o trabalho desenvolvido. Isso causa uma frustração que acaba sendo associada com a possibilidade de fechamento da cooperativa, com a possibilidade de acabar. A ansiedade causada pelo sofrimento do não reconhecimento é atribuído ao desconhecimento da profissão.

O não reconhecimento social:

O trabalho de reciclagem não é reconhecido socialmente. A população não consegue valorizar o trabalho de reciclagem, uma vez que não consegue articular quais são os impactos sociais, econômicos e ambientais do trabalho realizado. Esse não reconhecimento social, a desvalorização do trabalho gera sofrimento.

Sentir-se explorado:

O trabalhador desempenha um papel fundamental dar destino aos resíduos sólidos, tanto recicláveis quanto os rejeitos. Existe uma pressão da prefeitura, poder de chefe, para que a tarefa seja executada com êxito, mas não é dada a condição para que isso aconteça (condições da instalação, equipamentos, EPI).

O contato com o lixo, com o sujo.

O trabalhador está em contato direto não só com o material reciclável, mas com o lixo, com o rejeito. A esteira é o local em que esse contato se dá de forma mais intensa. Para suportar o contato com o sujo, existe um movimento coletivo, inconsciente, de negação da situação de trabalho e a esteira passa a ser o lugar mais estimulante para se trabalhar.

Como forma de driblar o sofrimento do convívio com o lixo desenvolve-se um “mecanismo de compensação” e inicia-se um processo de encontrar vantagens do trabalho realizado.

Manter-se no trabalho é resistir, é superar os próprios limites para sobreviver:

O reconhecimento do sofrimento no trabalho implica em romper com a atividade e isso não é possível. O trabalhador está pronto para tudo, para o inesperado. Do mesmo jeito que o contato poder ser com o rejeito, pode ser com algo útil, que foi jogado por engano.

Assim, a dificuldade em lidar com o lixo, com fezes, com animais mortos, com o mau cheiro, com a degradação que aparece em maior proporção é transformada em satisfação diante da possibilidade do encontro com o útil, com o bom, com o que poder trazer ganho, com o que tem valor e que não é desprezado.

A negação do risco do trabalho:

Existe conhecimento de que o contato com o lixo pode acarretar problemas a saúde dos trabalhadores, mas essa tema não é abordado. Trata-se de uma estratégia coletiva de defesa. Falar sobre o risco que o trabalho traz, significaria a paralisação da tarefa.

O mecanismo que o grupo encontra para driblar o medo é descartando a possibilidade do risco. Isso se concretiza através da não utilização do EPI (equipamento de proteção individual).

O esforço para a realização da tarefa.

Existe uma divisão de tarefas e funções. A realização da tarefa é fundamental, pois a retirada depende do êxito em triar da forma mais qualificada possível o material para posterior comercialização que depende do mercado.

O conhecimento de todo o processo de trabalho, o percurso que o material assume na cooperativa para posterior comercialização é conhecido por todos, o que garante o cuidado e a qualidade da triagem.

Os trabalhadores sentem na pele a dificuldade em triar o material, a divisão de tarefas na prática muitas vezes não existe e para a realização da tarefa o trabalhador se desdobra o máximo possível para realizá-la. Tudo isso é possível pela capacidade do trabalhador desenvolver artimanhas no trabalho, criar o seu jeito de fazer e a cooperativa permite este espaço de criação. Podemos dizer que esse espaço da criatividade torna-se uma fonte de satisfação e prazer, minimizando o sofrimento decorrente do trabalho.

A cooperação e a solidariedade:

A luta pela sobrevivência é um elo muito forte entre os trabalhadores. A necessidade de manter o posto de trabalho, de gerar renda, significa manter a família, cuidar dos filhos, ter dignidade. Significa ser um trabalhador, ter um papel na sociedade.

É visível a solidariedade existente no grupo. Como forma de suportar o sofrimento decorrente do trabalho criou-se um grande laço afetivo pelas pessoas. Isso significa ajudar o companheiro a realizar a tarefa, não é visto como a tarefa do outro, mas algo que também faz parte da minha tarefa.

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE PSICOLOGIA E FONOAUDIOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, _____
consinto em participar do estudo sobre a organização do trabalho e o sofrimento psíquico que tem por objetivo compreender a psicodinâmica do trabalho de uma cooperativa de triagem e comercialização de material reciclável.

Fui informado(a) que será utilizado para a coleta de dados sessões em grupo e que este estudo tem caráter acadêmico e será coordenado por Taís Grespan Souza, com supervisão de Laura Belluzzo de Campos Silva professora da Universidade Metodista de São Paulo. Declaro, ainda, ter compreendido que não sofrerei nenhum tipo de prejuízo de ordem psicológica ou física e que minha privacidade será preservada. Concordo que os dados sejam publicados para fins acadêmicos ou científicos, desde que seja mantido o sigilo sobre a minha participação. Estou também ciente de que poderei, a qualquer momento, comunicar minha desistência em participar do estudo.

(Local e data)

Assinatura do participante da pesquisa ou responsável
Documento de Identificação: _____

Assinatura do coordenador da pesquisa

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)